



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO

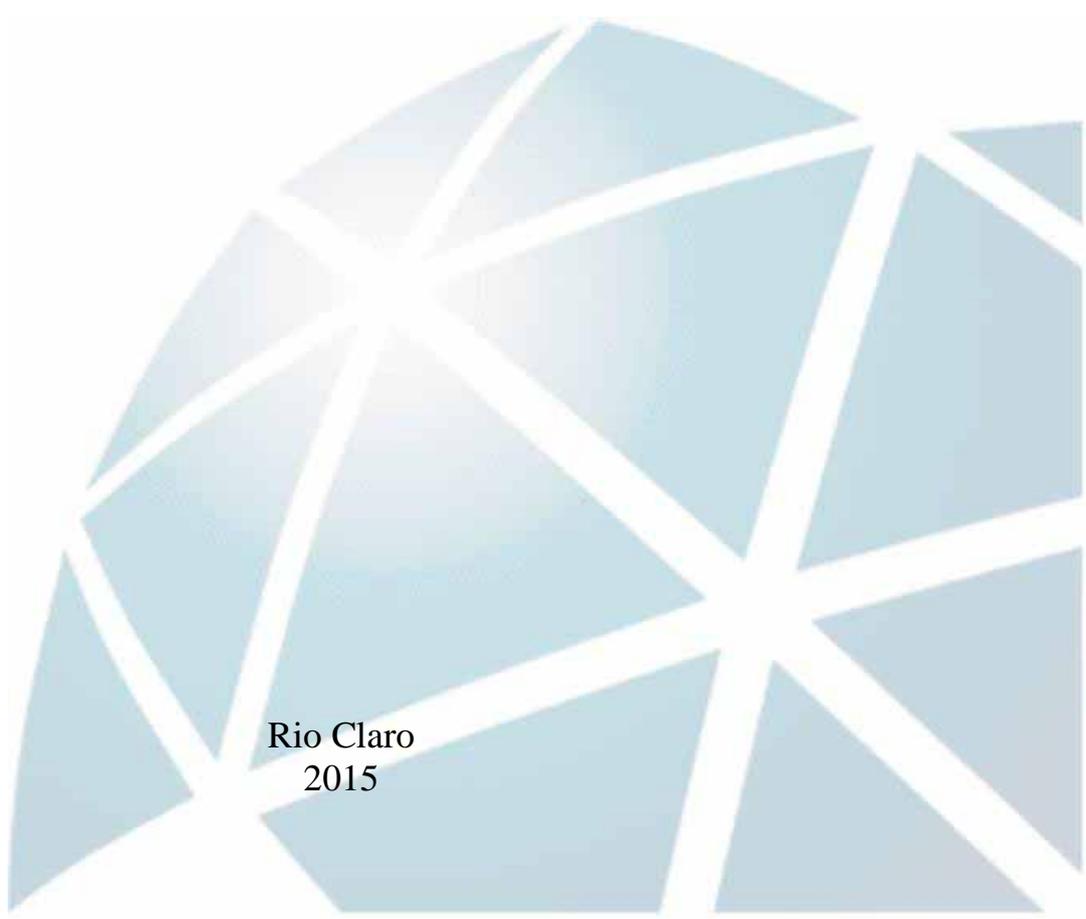


**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TÉCNOLOGIAS**

LUCAS RIBEIRO CECARELLI

CRÔNICA DE UM FRACASSO ANUNCIADO:

**UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DAS NARRATIVAS DISPONÍVEIS NA MÍDIA
SOBRE PSICOLOGIA DO ESPORTE NA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL
NA COPA DO MUNDO DE 2014**



Rio Claro
2015

Lucas Ribeiro Cecarelli

**CRÔNICA DE UM FRACASSO ANUNCIADO: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR
DAS NARRATIVAS DISPONÍVEIS NA MÍDIA SOBRE PSICOLOGIA DO ESPORTE
NA SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL NA COPA DO MUNDO DE 2014**

Orientador: Carlos José Martins

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

Rio Claro
2015

DEDICATÓRIA

A tudo que tenho de mais importante em minha vida: Minha família!
Aos meus pais Cláudia e Marcos, ao meu irmão Matheus e minha noiva Michele.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar agradecendo a todas as pessoas que participaram de minha vida nestes 7 anos desde o início da graduação em Educação Física, no Bacharelado e na Licenciatura, até o término do Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Com certeza cada um de vocês me influenciou, ajudou, fortaleceu, apoiou, ensinou e foi participante de cada momento que me fez chegar até aqui.

Não poderia deixar de iniciar agradecendo a Deus que me deu forças, fé e sabedoria para enfrentar os momentos de dificuldade e possibilitou que atingisse mais esse objetivo em minha vida.

Gostaria de agradecer minha mãe Cláudia e meu pai Marcos que sempre foram meus maiores exemplos de humildade, força, fé e ensinaram que muitos princípios (como respeito, lealdade, humildade, entre outros) são valiosos e fundamentais em nossas vidas. Preciso também agradecer ao meu irmão Matheus que sempre esteve ao meu lado, aguentando, apoiando e demonstrando que um irmão pode ser muito mais que um simples irmão, sendo amigo e dando certeza de que sempre estará ao meu lado.

Muito obrigado também à minha noiva Michele que esteve sempre ao meu lado nas alegrias e nas tristezas, que sempre me apoiou, que me aguentou e suportou nos momentos mais difíceis, que me mostrou ainda mais o quanto é importante em minha vida, sendo também minha amiga e tudo o que eu sempre procurei em uma mulher. Te amo muito!

Aos demais membros da minha família, não menos importantes, minhas tias, meu tio, meus primos e minha prima. Também aos meus avôs e avós que mesmo não mais presentes entre nós estiveram sempre me iluminando, guiando e protegendo.

Preciso aqui agradecer também ao meu *outro irmão* Zé Elzo que durante estes 7 anos de UNESP, entrou em minha vida, passou de um simples colega de sala à membro da família, esteve sempre ao meu lado e me deu força para continuar.

Por falar dos 7 anos de UNESP não posso deixar de agradecer ao Ardiles, Flávio, Eric Lima, Elvio e Jonathan Faganello. Preciso também agradecer muito ao Vitinho e Gustavo Isler que por diversas vezes- principalmente durante o mestrado- me ajudaram a ter fé, coragem e apontaram a luz no fim do túnel.

Gostaria de agradecer ao Afonso que por diversas vezes em minha caminhada me apoiou, incentivou, “puxou a orelha” e me ajudou a crescer. Aos membros do LEPESPE que fizeram parte desta minha caminhada, em especial o Altair que teve grande participação como membro da banca.

Um grande agradecimento também ao Carlos Martins que foi muito mais que um orientador e companheiro, capaz de me apoiar e dar norte, permitindo meu crescimento e desenvolvimento não apenas acadêmico.

Felizmente são muitos os amigos que considero, confio, acredito e admiro. O Pedro com certeza é um destes e não é à toa que somos amigos há “somente” 18 anos. O Vicenti também não poderia ficar de fora, pois não é sempre que conhecemos alguém que em 3 meses se torna tão marcante à ponto de se tornar um grande amigo. O Guilherme Rocha também não poderia ser esquecido, pois amigo é também “pau pra toda obra”, literalmente.

Gostaria de destacar aqui também o Rafael Abel, Gustavo Pilatti, Fábio Wetten e Fernando Kimura, pois mesmo distantes sempre se fizeram presentes e me ajudaram nos momentos mais importantes.

Ao Renan Mina e Léo Mendes meus sinceros agradecimentos por permitirem alguns dos melhores momentos de minha vida, em meio a um emaranhado de coisas e com uma grande felicidade em cobrir o Rio Claro FC.

Ao pessoal da Academia Don't Stop que viveram comigo alguns momentos, souberam respeitar, apoiar e incentivar. Um muito obrigado especial à Gi e ao Vagner pela amizade e companheirismo.

Por fim, tenho certeza que esqueci de mencionar algumas pessoas que com certeza foram importantes. Deste modo deixo a vocês meus mais sinceros e carinhosos agradecimentos. Lembrem-se: **“Um amigo de verdade é algo raro e precioso. Este é escolhido, colocado à prova e será para sempre!”**

EPÍGRAFE

Falta de acompanhamento psicológico à altura do desafio foi crucial para derrota humilhante. (O GLOBO, 10/07/2014)

RESUMO

A Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada no Brasil, deixou claro que este esporte tem a capacidade de deixar boquiabertos até mesmo pessoas que não tem o menor interesse no esporte mais praticado no Brasil e jogado com os pés, o futebol. Ao debater sobre o rendimento da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2014 os aspectos táticos, técnicos e físicos foram objeto de questionamentos, porém, nenhum outro foi tão discutido quanto o aspecto psicológico, apesar da significativa resistência a cerca das condições de possibilidade de realização de uma preparação psicológica . Neste contexto mostrou-se incontornável, tanto quanto os aspectos físicos, técnicos e táticos o importante papel da psicologia do esporte na busca por um ótimo desempenho. Neste sentido, no momento de preparação dos atletas para o mundial indagamos se houve a adequada preocupação com a questão da preparação psicológica. Este estudo teve, portanto, como objetivo questionar se houveram condições de possibilidade de realização de uma preparação psicológica da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil. A realização desta pesquisa foi pautada em uma metodologia exploratória, qualificada como estudo de caso, possível através de pesquisa documental via notícias e entrevistas disponíveis na mídia, internet e crônicas de ícones da crônica esportiva nacional – João Saldanha, Tostão, José Miguel Wisnik e Juca Kfourri - capazes de dialogar com o tema investigado nos momentos e acontecimentos de destaque da competição, os quais denotam possível recorrência em participações da seleção brasileira em Copas do Mundo de futebol. A partir da análise dos documentos coletados pudemos construir um panorama mais aprofundado da questão, de modo a aferir melhor as condições, as variáveis e as prováveis responsabilidades. A partir dos dados coletados, analisados e discutidos, suas interligações e questionamentos realizados face ao objetivo proposto foi possível perceber a maneira como a preparação psicológica foi abordada e quais as reais possibilidades de realização desta.

Palavras Chave: Copa do Mundo. Psicologia do Esporte. Seleção Brasileira de Futebol.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: ASPECTOS PSICOLÓGICOS.....	4
1.1. A ansiedade	4
1.2. Medo e vergonha	10
1.2.1. O medo	10
1.2.2. A vergonha	14
1.3. O Estresse	17
CAPÍTULO 2: TECNOLOGIAS E REDES SOCIAIS	25
2.1. As tecnologias.....	25
2.2. As redes sociais.....	29
CAPÍTULO 3: COMPETIÇÃO E COPA DO MUNDO	34
3.1. A competição	34
3.2. A Copa do Mundo	38
CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	43
CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO	45
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
APÊNDICES.....	79

INTRODUÇÃO

Dia 8 de Julho de 2014, com certeza é uma data para ficar na história e não ser esquecida pelos torcedores brasileiros. Neste dia ocorreu a partida entre Brasil e Alemanha válida pela semifinal da Copa do Mundo de 2014.

A partida era vista como um jogo muito difícil contra um adversário fortíssimo, porém, nem o mais pessimista dos torcedores brasileiros e sequer o mais otimista torcedor alemão, poderia acreditar em um placar de 7 a 1 para a Alemanha.

Jogando no estádio do Mineirão, com o apoio da torcida a seleção brasileira apresentou um bom início de partida, mas após uma falha defensiva em um escanteio, viu a seleção alemã abrir o placar e fazer 1 a 0. Mesmo atrás do placar a equipe brasileira foi em busca do empate, mas acabou tomando o 2º gol com 22 minutos.

Após sofrer o segundo gol, a seleção brasileira tomou mais 3 gols em 7 minutos, fato este denominado pelo treinador brasileiro Felipão como “pane geral”, e terminou o primeiro tempo perdendo por 5 a 0.

As seleções voltaram para o segundo tempo e a catástrofe teve prosseguimento. No segundo tempo a seleção alemã ainda marcou mais duas vezes, enquanto a seleção brasileira só conseguiu seu gol de honra aos 45 minutos do 2º tempo.

Ao término da partida o que se viu foi uma avalanche de notícias e matérias em todos os meios de comunicação do mundo sobre, o que foi denominada pela mídia especializada como a maior derrota da história da seleção brasileira de futebol.

A seleção brasileira, ao final do mundial, ficou em quarto lugar após duas derrotas vexatórias, a primeira por 7 a 1 para a Alemanha, onde levou 4 gols em 7 minutos, e a segunda na disputa pela terceira posição do torneio, por 3 a 0 para a Holanda.

Ao debater sobre o rendimento da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2014 os aspectos táticos, técnicos e físicos foram passíveis de questionamentos, porém, nenhum outro foi tão discutido quanto o aspecto psicológico.

Neste sentido houve o interesse em desenvolver esse trabalho que pretende problematizar a realização da preparação psicológica da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014.

A Copa do Mundo de Futebol de 2014 deixou claro que este esporte tem a capacidade de deixar boquiabertos até mesmo às pessoas que não tem o menor interesse no esporte mais praticado no Brasil e jogado com os pés, o futebol.

Devido a sua importância, que está relacionada à popularidade do esporte no país, o acompanhamento dos jogos e análises se fizeram presentes com grande ênfase na internet e nas redes sociais, com críticas e questionamentos atrelados a questões psicológica.

Os aspectos psicológicos se constituem em fatores que podem determinar o rendimento dos jogadores, e conseqüentemente o resultado de uma partida e de uma competição. O medo, a vergonha, o estresse e a maneira como os jogadores sabem ou não lidar com estes e demais estados emocionais, tem uma dimensão de importância a ser considerada.

Objetivos

Este estudo teve como objetivo interrogar se houveram condições de possibilidade de realização de uma preparação psicológica da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil. Esta interrogação se dá a partir das narrativas, depoimentos e entrevistas de alguns personagens quanto ao problema da pesquisa. Tais como a psicóloga Regina Brandão, o treinador da seleção brasileira Felipão, alguns atletas brasileiros que disputaram a Copa de 2014 e pronunciamentos atribuídos a membros da CBF, assim como, crônicas de interlocutores como Tostão, Juca Kfourri e José Miguel Wisnik, qualificados e reconhecidos publicamente pela mídia especializada esportiva que acompanharam e publicaram seus comentários durante a copa de 2014. Também tomaremos como interlocutor as crônicas reunidas sob o título “O Trauma da bola” de João Saldanha. tendo em vista sua explícita afinidade com o tema explorado pela pesquisa.

Estrutura do trabalho

Este trabalho será organizado em 6 capítulos, a saber:

- Capítulo 1 – Aspectos psicológicos
- Capítulo 2 – Tecnologias e redes sociais
- Capítulo 3 – Competição e Copa do Mundo
- Capítulo 4 – Procedimentos Metodológicos
- Capítulo 5 – Discussão
- Capítulo 6 – Considerações finais

Os capítulos 1, 2 e 3 apresentarão o suporte teórico necessário para compreensão do objeto de estudo. No capítulo 1 serão apresentados alguns aspectos emocionais, suas influências e maneiras para manejá-los de modo a auxiliar na compreensão acerca da possível influência dos estados emocionais no rendimento esportivo.

No capítulo 2, a questão das tecnologias será abordada de modo a facilitar o entendimento acerca da ampla repercussão, divulgação e cobertura da Copa do Mundo de 2014 possibilitados através dos avanços tecnológicos e alcance das redes sociais. Este capítulo torna-se importante também ao trabalhar com a questão do material disponível na internet e redes sociais, modo este utilizado para a obtenção dos dados pertinentes para a realização deste trabalho.

No capítulo 4 será apresentado o percurso da pesquisa e o tratamento metodológico utilizado, com o intuito de explicitar a maneira elencada para a obtenção, análise e compreensão dos dados.

No capítulo 5 será desenvolvida a questão central deste estudo, ao inter-relacionar os dados coletados e as análises de cronistas brasileiros que abordaram o tema, a fim de possibilitar a indagação quanto as possíveis condições para uma preparação psicológica da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014 realizada no Brasil.

Por fim, no capítulo 6 serão apresentadas as considerações finais, com apontamentos sobre as possibilidades ou não da realização de uma preparação psicológica da seleção, o posicionamento e influência dos diversos atores no contexto dos principais aspectos emocionais da equipe brasileira durante Copa do Mundo de 2014.

CAPÍTULO 1: ASPECTOS PSICOLÓGICOS

Neste capítulo discutiremos sobre os aspectos psicológicos que podem ter influenciado no desempenho dos atletas da seleção brasileira de futebol, participantes da Copa do Mundo de 2014, destacando entre eles a ansiedade, o medo, a vergonha e o estresse.

1.1. A ansiedade

Sabe-se que os estados psicológicos possuem grande influência no cotidiano de todos os seres humanos e no meio esportivo isso não é diferente. As alterações dos estados emocionais apresentam grande importância principalmente ao destacar suas influências no desempenho esportivo, seja em modalidades coletivas ou individuais, masculinas ou femininas.

Diversos autores (MACHADO, 2006; BRANDÃO e MACHADO, 2008; WEINBERG e GOULD, 2008; SAMULSKI, 2009) relatam que entre os vários fatores psicológicos que interferem no desempenho dos atletas um dos mais estudados e influentes é a ansiedade.

A manifestação deste estado emocional se dá por diversos fatores, entre eles, a importância da competição e de cada jogo, distância de casa, viagem de avião, mudança de hábitos, adaptação ao clima e fuso horário, entre outros aspectos que provocam um aumento da ansiedade.

Deste modo, torna-se importante compreender esse estado emocional e para tal Machado (2006) revela parâmetros que auxiliam seu entendimento.

Entendemos que a ansiedade é a resposta emocional determinada de um acontecimento, que pode ser agradável, frustrante, ameaçador, entristecedor e cuja realização ou resultado depende não apenas da própria pessoa, mas também de outros ou de situações. Ela inclui manifestações somáticas e fisiológicas. (MACHADO, 2006, p. 50)

Em sua obra Machado (2006), relata que Weems e Stickle (2006 apud STALLARD, 2010) mostram que a resposta de ansiedade é complexa e envolve componentes cognitivos, fisiológicos e comportamentais. Segundo este autor, o componente cognitivo é responsável por avaliar antecipadamente a situação ou episódios e classificá-los como um risco. Enquanto isso, o componente fisiológico prepara o corpo para uma resposta caso seja necessária, enquanto o componente comportamental mantém a vigilância, de modo a prever e evitar um perigo futuro.

Deste modo, Machado (2006) destaca que é possível perceber, ao definir a ansiedade, estar frente a um sentimento de insegurança motivado por uma expectativa de algum desafio, ameaça, ou perigo, mesmo que este sentimento esteja fundamentado em uma circunstância desconhecida.

Esta reflexão destaca que este estado emocional pode ser originado tanto a partir de fatos conhecidos como desconhecidos pelo indivíduo, apresentando variáveis capazes de interferir na intensidade da ansiedade, como por exemplo, experiências anteriores, importância da partida e da competição, local, presença ou não de torcida, entre outros fatores. (WEINBERG e GOULD, 2008)

Segundo Viscott (1982) a ansiedade é o medo de perder alguma coisa, quer esse medo seja real ou imaginário. A intensidade da ansiedade dependerá da severidade da ameaça e da importância da perda para o indivíduo.

Sabe-se que diversos fatores influenciam e provocam alterações no estado de ansiedade, deste modo torna-se interessante distinguir os sintomas que são desencadeados com este processo, para tal serão separados em reações fisiológicas e psicológicas.

Em relação às reações fisiológicas Brandão e Machado (2008); Weinberg e Gould (2008); Samulski (2009) destacam:

- Alterações no sono;
- Sudorese;
- Boca seca;
- Mãos frias;
- Necessidade de urinar frequentemente;
- Mudanças nos hábitos alimentares;
- Sensação de fadiga;
- Tensão muscular;

- Estômago “embrulhado”.

Quanto às reações psicológicas podem aparecer:

- Alterações de humor;
- Insegurança e dúvida;
- Instabilidade e preocupação;
- Sensação de confusão;
- Diminuição da concentração;
- Tendência para pensamentos negativos.

A partir dos sintomas apresentado, Machado (2006) revela que para um atleta ansioso, o nível de tensão pode influenciar no seu desempenho. Entretanto, as pessoas que não apresentam um grau elevado de ansiedade tendem a conseguir com maior facilidade manter as emoções equilibradas e assim, não sofrem demasiada interferência no desempenho.

Com relação aos atletas Feshbach (1961 apud MACHADO, 2006) ressalta que existem àqueles que sucumbem sob tensão psicológica. Alguns deles apresentam ótimo desempenho durante os treinos, mas não conseguem acertar os fundamentos em situação de jogo, tendo um desempenho abaixo do apresentado nos treinamentos, sendo deste modo, conhecidos popularmente como “leões de treino”.

Esse fato é muito comum no contexto esportivo, porém o contrário também é possível e ocorre. Alguns atletas só atingem um desempenho excelente diante de muita pressão e de muita força contrária, onde demonstram grande superação e um ótimo rendimento. Em ambos os casos a participação e trabalho do profissional da psicologia do esporte se faz necessário de modo a contribuir para melhorar a percepção e manejo sobre os estados emocionais.

Assim, destaca-se que a ansiedade não pode ser considerada prejudicial ao rendimento esportivo, pois, desde que em níveis fisiológicos não excessivos para aquele indivíduo e de acordo com a modalidade, este estado emocional apresenta-se como fundamental para a obtenção de um bom desempenho e pode auxiliar na melhora do rendimento.

Segundo Spielberg (1966), Machado (1996), Machado (2006) e Weinberg e Gould (2008), a ansiedade pode ser compreendida e analisada como composta por duas formas: a ansiedade-traço e a ansiedade-estado.

Para Machado (1996) a ansiedade-traço é uma característica constante da personalidade do indivíduo e a ansiedade-estado é o conjunto de reações que variam nas diversas situações de acordo com as condições do próprio organismo, ou seja, a primeira está ligada diretamente às características do indivíduo e representa a ansiedade inevitável diante de situações que não apresentam perigo, enquanto a segunda se apresenta e modifica de acordo com os acontecimentos e situações temporárias.

Torna-se notória a relação entre o nível de ansiedade-traço e o nível de ansiedade-estado, mas este não pode ser considerado como o único fator importante capaz de influenciar os níveis de ansiedade.

Segundo Magill (2000) existem, ao menos, mais duas variáveis importantes que interagem com o nível de ansiedade-traço na produção de um nível determinado de ansiedade estado: a importância da situação para o atleta e a incerteza do resultado, ambas podendo variar e aumentar ou diminuir a ansiedade conforme a preparação do indivíduo para enfrentar a situação.

Deste modo, o estudo, conhecimento e entendimento dessas variáveis e suas implicações no nível de ansiedade, apresenta fundamental importância para que o técnico, professor ou psicólogo do esporte busquem o nível ideal de ansiedade de cada atleta de modo a favorecer o desempenho ou a *performance* do seu aluno, atleta ou cliente (MACHADO,1997).

Ao reconhecer que a ansiedade, traço e estado, tem relação direta com a prática e o desempenho no esporte, torna-se importante o aprofundamento no estudo das maneiras como esta se manifesta durante a competição.

Segundo Weinberg e Gould (2008), a teoria multidimensional da ansiedade competitiva, consiste em dois componentes, o cognitivo e o somático.

Para estes autores, a ansiedade-estado é representada em seu aspecto cognitivo quando a pessoa se preocupa ou tem pensamentos negativos voltados ao cumprimento de um objetivo como, por exemplo, o medo de não corresponder às expectativas. Deste modo, o atleta apresenta uma autoavaliação que pode influir em seu rendimento e o levar ao fracasso. Em relação ao aspecto somático da ansiedade existem alterações na percepção subjetiva da ativação fisiológica como,

por exemplo, o atleta que sente vontade de urinar antes da partida e logo ao voltar do banheiro relata que esta novamente com vontade, demonstrando nitidamente uma percepção errônea de um fator fisiológico.

Essa distinção dos fatores cognitivos e somáticos feita por Weinberg e Gould (2008) apresenta grande importância, pois, segundo Oliveira (2004), auxilia e facilita a compreensão da relação entre ansiedade e rendimento, possibilitando o estudo, determinação e intervenção do Psicólogo do Esporte e/ou treinador baseado nas técnicas mais adequadas a cada modalidade, atleta e aos elevados ou baixos níveis de ansiedade-estado.

Ainda relacionando a ansiedade e o desempenho, existem outras teorias que tentam explicar e facilitar o entendimento da relação entre essas duas temáticas, entre elas, a Teoria das Zonas Individualizadas de Desempenho Ideal (IZOF).

Essa teoria, criada por Yuri Hanin, segundo Weinberg e Gould (2008) se distingue da Teoria do U Invertido em duas vertentes principais. A primeira diferença destacada é com relação ao nível considerado ideal de ansiedade-estado, demonstrando que este nível ideal é variável e não acontece sempre no ponto médio de uma linha contínua, na qual de um lado situa-se um estado de letargia profundo e do outro extremo um estado de ativação elevado.

A segunda diferença apontada, é que este nível ideal de ansiedade-estado se apresenta dentro de uma zona, com sua variação e frequência, não sendo um ponto único.

Estas distinções acabam por revelar alguns pontos até então não compreendidos e analisados por autores e estudiosos da Psicologia do Esporte, fatos estes que tornam a teoria da IZOF a mais fidedigna ao relacionar os estados de ansiedade e o desempenho de atletas e, deste modo, destoa-se como a mais utilizada na área acadêmica e prática.

Nesta teoria a particularidade e individualidade dos atletas e modalidades são respeitadas, demonstrando que de acordo com a modalidade o nível ideal de ansiedade-estado varia dentro de uma zona que pode não ser ideal para outra prática esportiva; assim como demonstra que mesmo que pratique a mesma modalidade a zona ideal pode variar de atleta para atleta.

Nas competições esportivas existe um velho jargão que diz "uma partida pode ser decidida em detalhes". Deste modo e ao concordar com essa afirmação torna-se imprescindível ressaltar que um alto grau de ansiedade pode influir negativamente

no rendimento do atleta, causando perda da concentração, déficit no controle motor e diminuição na capacidade de tomada de decisão, fatos estes que revelam a importância do conhecimento acerca dos aspectos psicológicos, de algumas particularidades de cada estado emocional (como a ansiedade, estresse, medo e vergonha, entre outros), assim como as individualidades e necessidades de cada modalidade e atleta, para que o trabalho psicológico possa auxiliar no manejo dos estados emocionais dos atletas na busca por um melhor desempenho. (MACHADO, 2006)

Desta maneira, Weinberg e Gould (2008) destacam algumas técnicas que podem ser utilizadas para buscar equilibrar os estados de ansiedade dos atletas. Os autores distinguem as técnicas em duas áreas, uma de redução da ansiedade somática e outra de redução da ansiedade cognitiva.

Ao relatar a redução da ansiedade somática os autores apontam o relaxamento progressivo, o controle da respiração e o *biofeedback* como principais técnicas para atingir este objetivo.

O relaxamento progressivo se dá através da técnica onde se contrai e depois relaxa um grupo muscular e depois progride para outros grupos importantes até que todos estejam completamente relaxados. O controle da respiração é realizado através do controle do ciclo inspiração-expiração de modo a se concentrar na realização da respiração e realizá-la lentamente para possibilitar o relaxamento muscular, melhora do foco e concentração e renovação da energia. A técnica do *biofeedback* ensina a controlar as respostas fisiológicas ou autônomas através do acompanhamento via um dispositivo eletrônico que fornece *feedback* e possibilita ao atleta se conscientizar sobre seus níveis de tensão muscular para que possa controlá-los.

Ao tratar das técnicas para diminuir a ansiedade cognitiva ressaltam a resposta de relaxamento e o treinamento autógeno.

A resposta do relaxamento utiliza-se dos métodos básicos da meditação afim de tranquilizar a mente, permanecer concentrado na tarefa, se concentrar e reduzir a tensão muscular. A outra técnica, do treinamento autógeno, consiste de diversos exercícios que visam produzir sensações de calor e peso de modo a possibilitar uma auto hipnose onde a atenção é focalizada nas sensações que o indivíduo está tentando produzir.

Assim como os demais estados emocionais, a ansiedade tem grande influência sobre o rendimento esportivo e fica notório a importância do seu manejo por parte do Psicólogo do Esporte e do atleta, cabendo ao profissional delimitar a técnica mais pertinente e eficaz para cada modalidade, momento e atleta a fim de auxiliar na obtenção de um ótimo desempenho.

1.2. Medo e vergonha

1.2.1. O medo

Lavoura, Mello e Machado (2007) destacam a grande proximidade entre os sentimentos medo e vergonha, e afirmam que é difícil a tarefa de estudar essas excitações nos indivíduos, principalmente nos atletas, que vivem em um ambiente onde as emoções afloram constantemente.

De acordo com Lavoura (2008) diversos fatores podem representar situações de perigo ou ameaça para os seres vivos, inclusive acontecimentos revistos e surpreendentes. Deste modo, o medo estará presente em diversos momentos da vida dos seres humanos principalmente se for levado em conta que os indivíduos jamais terão controle sob todas as coisas e ocorridos.

Segundo Machado (2006) o medo é um estado emocional desagradável, que surge quando o indivíduo se vê diante de uma situação julgada por ele mesmo como ameaçadora e, pode suprimir esta ameaça fugindo ou agredindo, ou ainda, adotar comportamentos que têm por finalidade afugentar o medo (como, por exemplo, ignorar fatos e negar ameaças).

Para Nardone (2004) o medo é considerado uma emoção de reação que deixa o indivíduo em alerta perante um perigo; deste modo o autor afirma que o medo não pode ser considerado uma patologia, contrariamente, devendo ser visto como uma emoção fundamental para a sobrevivência do ser humano. A partir desta afirmação torna-se essencial diferenciar o medo patológico do medo que pode ser considerado positivo.

Para Lavoura, Mello e Machado (2007) o medo patológico causa um estado de reação que aprisiona o indivíduo em um mundo irreal e exagerado. O medo pode

ser considerado positivo quando destoa como um freio que mantém o indivíduo alerta para uma possível ameaça ou situação de perigo.

Hall (2004) afirma que o medo é uma emoção absolutamente normal e natural, que libera adrenalina e que provoca duas situações de resposta: lutar ou fugir. A interpretação dada pelo cérebro para a situação é que indicará qual possibilidade prevalecerá. Ainda, segundo o mesmo autor, torna-se possível também uma terceira resposta ao medo, o estado de choque, que seria a paralisação frente a uma situação.

Ao adentrar ao contexto esportivo torna-se importante salientar que as influências do medo podem ser semelhantes às sentidas em situações cotidianas. Para Lavoura, Mello e Machado (2007), o que diferencia a sensação de medo proveniente do meio esportivo em relação à percepção do medo em situações cotidianas, são os estímulos externos, advindos das constantes mudanças provenientes da dificuldade das tarefas e os padrões cognitivos de pensamentos negativos que passam a despontar de acordo com as circunstâncias esportivas.

No âmbito do esporte, o medo pode ser percebido (sentido) subjetivamente por meio da tensão, nervosismo e receio. De acordo com Machado (2006) o indivíduo medroso apresenta um comportamento perturbado pela apreensão do fracasso e questiona suas capacidades, fatos estes que tendem a interferir negativamente em sua *performance* e ocasionar um rendimento abaixo do esperado e possível.

De acordo com Ibid (2006) o medo no âmbito esportivo pode ser classificado das seguintes maneiras:

- Medo realístico: É o tipo de medo que se dá por meio de situações que envolvam algum risco ao atleta, como, por exemplo, sofrer alguma lesão.
- Medo do desconhecido: Refere-se à incerteza relacionada a uma situação de rendimento, podendo provocar este sentimento (sua percepção)
- Ansiedade: É um medo indefinido, difuso ou crônico, que ocorre em uma situação sem uma causa específica.
- Medo ilógico: É um tipo de estado emocional que está mais relacionado a uma causa específica externa, como por exemplo, atletas que pensam em expressões do gênero "eu não consigo realizar meus movimentos de forma correta diante de meus pais";
- Medo divertido: Envolve situações de riscos que produzem excitação

- Medo do fracasso: Caracteriza-se pela busca do sucesso sem ter o risco de enfrentar nenhum fracasso, evitando-se eventuais constrangimentos.

A partir das classificações, torna-se interessante delimitar quais as possíveis fontes capazes de gerar medo no ambiente esportivo.

Para Machado (2006) múltiplas fontes podem gerar o medo no esporte, pois o atleta procura atingir determinados objetivos na ação esportiva, que estão dentro de parâmetros de seu julgamento, provocando sentimentos de autoavaliação e comparações entre o desempenho obtido e o esperado.

Dentre as fontes desencadeadoras do medo, de acordo com Lavoura, Mello e Machado (2007) as que apresentam maior destaque e influência sob os atletas são: conforme a importância da competição; a dificuldade dos exercícios; a pressão proveniente de técnicos, família, amigos, torcedores e patrocinadores; problemas financeiros e profissionais; e a variação de frequências de sucessos e fracassos.

De acordo com Santiago e González (2002) dois tipos de situação manifestam o medo: a insegurança física e a insegurança psicológica. A insegurança física é marcada principalmente pelo medo da lesão, fato este ainda mais comum e com marcas mais profundas em atletas que já se lesionaram e possuem histórico de graves ou diversas lesões ao decorrer da carreira. De acordo com Ucha (2008) o próprio medo da lesão pode contribuir para que a lesão ocorra de fato, pois gera tensão muscular que torna os movimentos rígidos e descoordenados. A insegurança psicológica é destacada principalmente pelo medo do fracasso, o medo de ser avaliado negativamente, o medo de fazer ridículo e o medo da competição.

Cratty (1984) corrobora com as afirmações de Santiago e Gonzáles (2002) ao assinalar que diversos medos podem ser vivenciados no meio esportivo. Para ele os que aparecem com maior frequência no esporte são: o medo da vitória; medo da derrota; medo da desaprovação do treinador; medo de agressões e medo de lesões.

As afirmações destes autores deixam claro que até mesmo os bons momentos e acontecimentos positivos, como a vitória, podem causar sentimentos de medo e insegurança em atletas, pois, muitas vezes, estes não sabem como lidar com o sucesso e a glória.

Cabe ressaltar que as fontes de medo tendem a variar de acordo com as modalidades, por exemplo, àqueles atletas que praticam atividades com maior risco de lesão, tornam-se mais susceptíveis em sentirem medo de se lesionar.

Para Lavoura, Mello e Machado (2007) essa relação entre o medo e a insegurança apresenta uma correlação direta, ou seja, quanto mais inseguro o atleta estiver perante aquela situação mais intenso será o medo sentido.

Deste modo fica clara a relação direta entre o medo e a insegurança, advindas de momentos comuns do contexto esportivo, em que o atleta se depara com dificuldades e exigências que necessita superar para atingir seus objetivos. Assim, o medo será variável de acordo com a avaliação do atleta sobre aquela situação e as consequências que aquele resultado poderá acarretar.

Para Machado (2006) o medo de fracassar é uma das piores situações que o atleta pode se defrontar, pois, nem sempre, o fracasso pode ser evitado e, por isso, ele pode gerar ansiedade, tensão e outras reações do organismo.

Outras reações causadas pela percepção do medo podem ser de natureza fisiológica, que de acordo com Lavoura, Mello e Machado (2007) são, entre outras, alterações dos batimentos cardíacos, sensação de frio no estômago e sudorese.

De acordo com Roffé (1999) e Machado (2006) a lista de sintomas fisiológicos causados pela percepção do medo é ainda mais extensa e o relato da sensação é um indicador muito importante a ser considerado. Segundo Machado (2006, p. 81) “rosto pálido, olhar petrificado, dilatação da pupila, inquietação motora generalizada, tremor das mãos, postura corporal enrijecida, braços tensos, suor, fala rápida, tremor da voz, erros frequentes na fala, entre outros” são sintomas e expressões que tendem a ser desencadeados pela reação ao medo.

Para diminuir a influência negativa no rendimento esportivo, Thomas (1983) afirma que o medo pode ser controlado por meio da exploração da autoconfiança, pois esta pode despertar sentimentos como coragem, decisão e vontade. Também segundo Roffé (1999), a confiança em si próprio ajuda a controlar o medo, diminuindo a ansiedade, insegurança e hostilidade, além de possibilitar maior capacidade, ao atleta, de tomada de decisão, capacidade de arriscar e de controlar o medo.

Desta maneira, Brochado (2002) traz um apontamento de grande importância quando destaca que métodos de intervenção referentes ao medo não devem ter como objetivo eliminá-lo completamente, mas sim ensinar como obter o seu controle ideal.

Para a obtenção desse controle, diversas técnicas despontam na área da psicologia como capazes de influir sob os estados emocionais como, por exemplo, a

dessensibilização sistemática (WOLPE, 1972 apud MACHADO, 2006) e as técnicas de relaxamento apresentadas por Machado (2006), a saber, técnicas de relaxamento, o *biofeedback*; meditação e yoga e o treinamento autógeno.

Assim como os demais estados emocionais, o medo não deve ser suprimido, mas sim manejado para que mantenha um equilíbrio e possibilite um ótimo rendimento durante a prática esportiva. Cabe salientar que cada modalidade e momento competitivo apresentam os seus níveis ótimos de ativação dos estados emocionais e isto deve ser levado em conta pelos profissionais da Psicologia do Esporte e/ou treinadores e membros da comissão técnica que irão lidar com os aspectos psicológicos dos atletas.

1.2.2. A vergonha

De acordo com Machado (2006) Darwin elencava entre todas as emoções a vergonha como a mais especial e mais humana. La Taille (2004) relata que Michael Lewis afirma que compreender a vergonha seria algo tão grandioso que possibilitaria compreender a natureza humana, ou seja, para diversos autores o entendimento da vergonha se dá entre os mais importantes sentimentos para compreender o ser humano.

Talvez, trata-se também da emoção mais fácil de ser notada e percebida pois em qualquer lugar, cultura e tempo, o rosto avermelhado representa algo muito comum e fácil de ser notado, a vergonha.

Para Machado (2006) a vergonha é um sentimento que originalmente representa a queda, não porque houve uma falta, mas apenas porque ficou exposta frente aos outros.

Diversos fatores incidirão sob o processo de vergonha, inclusive, segundo Ibid (2006) há uma resultante que influenciará de maneira fundamental no processo de instalação do sentimento de vergonha que é proporcional a valoração dada por nós a quem nos julga e ao nosso autojulgamento.

La Taille (2004) relata também que o problema central do sentimento de vergonha está relacionado ao juízo alheio, ou seja, que está observando ou participando do episódio irá influenciar diretamente no quão envergonhado o indivíduo irá se sentir.

Assim como no processo de sentimento do medo, o desenvolvimento da vergonha tem forte relação com a imaginação, com a história e fatos marcantes do passado do indivíduo e a imprevisibilidade dos acontecimentos futuros.

Com o intuito de possibilitar uma melhor compreensão acerca da vergonha, Machado (2006) e La Taille (2004) elencaram diversos sinônimos existentes para a palavra vergonha e relatam que todos assinalam para alguns sentimentos como: de desconforto, de fraqueza, de insignificância, de autoconfiança e de não adequação de si mesmo.

A partir dos sinônimos e compreensão acerca deste estado emocional fica evidente que este sentimento tende a dificultar o relacionamento social e o equilíbrio social do indivíduo, porém não se pode dizer que este estado emocional é apenas negativo.

Para La Taille (2004) a vergonha possui sentidos positivos e negativos e refere-se ao “ser”, ou seja, faz inferência às representações de si e à construção moral.

Ibid (2004) ainda caracteriza e elenca os tipos de vergonha existentes os quais, abaixo, serão elencados, explicados e exemplificados com momentos peculiares da prática esportiva.

Vergonha Pura = É o simples fato de o indivíduo estar sendo observado. Este fato é muito comum no contexto esportivo como, por exemplo, com atletas que estão acima do peso e sabem que durante a partida podem ter este fato “flagrado” pelas câmeras ou até mesmo pelos torcedores.

Vergonha Ação = É quando o indivíduo está sendo observado fazendo algo, efetuando alguma ação. Esta ação pode representar múltiplos acontecimentos como, por exemplo, um beijo durante a comemoração de um ponto.

Vergonha Humilhação = É quando o indivíduo é rebaixado, humilhado. No futebol, por exemplo, após o atleta levar um “chapéu”¹ e/ou uma “caneta”².

Vergonha meta = É sentir vergonha pelo fato de fracassar, ou seja, não atingir a meta esperada. Como exemplo, uma derrota para uma equipe inferior ou tomar uma “virada” após estar vencendo por uma ampla vantagem.

¹ Chapéu = Drible onde o jogador eleva a bola fazendo-a passar por cima da cabeça de seu adversário e em seguida domina a bola novamente antes de cair no chão completando o drible

² Caneta = Drible onde o jogador faz a bola passar entre as pernas do adversário e em seguida controla a bola novamente.

Vergonha padrão = É aquela em que o indivíduo não se encaixa em um padrão, está fora de um determinado grupo, se sente excluído. Como exemplo, um atleta que é marginalizado dentro da equipe e ao pontuar os companheiros não vão comemorar com ele.

Vergonha norma = Se dá por ter infringido uma norma, lei ou regra em um determinado contexto, como mentir ou roubar. A saber, um gol de mão no futebol, uma cesta após ter andado no basquetebol.

Vergonha contágio = É quando o indivíduo sente vergonha de uma ação de outra pessoa próxima ou do grupo no qual está inserido. Quando um atleta, por exemplo, após a conquista de um título nota que seu companheiro de equipe teve suas roupas retiradas por torcedores.

A fim de diminuir a incidência da vergonha e da influência negativa desta no cenário esportivo, através da busca de um melhor equilíbrio com relação a este estado emocional, segundo Machado (2006) a autoconfiança e a dessensibilização aparecem como possíveis meios para incidir positivamente sobre a vergonha, entre outros estados emocionais.

Esta afirmação defendida por Lavoura (2008) destaca que a autoconfiança incidirá positivamente no combate de estados emocionais como medo e vergonha, surgindo então emoções positivas como a motivação aumentando a concentração.

A autoconfiança, de acordo com Weinberg e Gould (2008) é definida como a crença que o atleta tem em si mesmo de que pode realizar com sucesso um comportamento desejado.

Deste modo, Tuan (2005) relata que quando os indivíduos adquirem confiança acabam se desvencilhando das influências negativas dos estados emocionais como ansiedade e medo, que influem na queda de rendimento, e conseguem obter um bom desempenho no decorrer da partida.

Em corroboração com o autor supracitado Weinberg e Gould (2008) destacam que pessoas confiantes em si mesmas e em suas capacidades têm uma atitude de nunca desistir considerando as situações negativas como desafios e reagem com maior determinação para superar a adversidade.

Deste modo, com as afirmações dos autores supracitados fica notória a importância do trabalho e manejo autoconfiança como objeto de controle do medo e da vergonha, na busca pelo ótimo rendimento no contexto esportivo.

Com relação à dessensibilização sistemática, Machado (2006) explica que é um método que se baseia no bloqueio recíproco e na superação hierárquica, do mais fácil ao mais difícil, do medo e da vergonha.

Neste método, acredita-se que quando a pessoa for capaz de enfrentar a situação desencadeadora do medo ou vergonha, a atitude indesejada e negativa será superada.

1.3. O Estresse

Ao procurar compreender o significado da palavra estresse nos deparamos com diversos autores e definições, inclusive conceitos, apontamentos e tabus advindos do senso comum difíceis de serem superados. Como por exemplo, o fato de que o estresse só afeta grandes empresários e/ou pessoas que lidam com grandes problemas, ou seja, não é coisa que atinja pobres e pessoas de classes mais baixas (CARLETTI, 1995).

Com o intuito de quebrar alguns paradigmas, como, e facilitar a compreensão acerca do fenômeno do estresse serão elencados neste tópico os apontamentos que melhor contribuem para entender o sentido e processo deste estado.

De acordo Lipp (1996) o estresse é definido como:

Uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrite, amedronte, excite ou confunda, ou mesmo que a faça imensamente feliz. É importante conceitualizar estresse como sendo um processo e não uma reação única, pois, no momento em que a pessoa é sujeita a uma fonte de estresse, um longo processo bioquímico instala-se, cujo início se manifesta de modo bastante semelhante, com o aparecimento de taquicardia, sudorese excessiva, tensão muscular, boca seca e a sensação de estar alerta. Mais adiante, no desenvolvimento do processo do estresse, diferenças manifestam-se de acordo com as predisposições genéticas do indivíduo potencializadas pelo enfraquecimento desenvolvido no decorrer da vida em decorrência de acidentes ou doenças. (LIPP, 1996, p.20)

A partir da definição acima citada, compreende-se o contexto esportivo como um momento de grande estresse. O medo de perder, a dúvida acerca do desempenho e consequente resultado da partida, a cobrança e pressão por parte de

torcedores, membros da imprensa, patrocinadores e cartolas, entre outros múltiplos fatores acarretam no ambiente da prática esportiva variadas situações estressoras e capazes de possibilitar o processo contínuo caracterizado pelo autor.

Para Fontana (1994) estresse é uma exigência imposta sobre as capacidades de adaptação da mente e do corpo. Se essas capacidades de adaptação podem lidar com a necessidade e aproveitar o estímulo envolvido, então o estresse é tido como útil e bom. Caso não consigam, e a situação seja avaliada como enfraquecedora, então ele é visto como prejudicial e ruim.

De acordo com Battison (1998) certo grau de estresse é necessário para que o indivíduo consiga se concentrar, tomar decisões e atuar de maneira positiva.

Desse modo, a partir das definições dos autores acima, alguns apontamentos e destaques devem ser feitos para auxiliar na compreensão do estresse. O estresse pode ser tanto bom quanto ruim, isto irá variar muito de pessoa para pessoa e dos níveis de estresse apresentados. O estar estressado não pode ser definido como causado por esse ou aquele episódio, pois, não são os fatos que definem se estamos estressados ou não, mas sim nossas reações a eles.

Ao adentrar no campo das ciências do esporte torna-se interessante abarcar alguns autores da Psicologia do Esporte (Weinberg e Gould, 2008; Brandão e Machado, 2008; Samulski, 2009) que reforçam que o processo do estresse apresenta fatores positivos e negativos, e apontam a distinção do estresse bom (*eustresse*) e do estresse ruim (*diestresse*).

De acordo com Brandão, Pires, Marques (2008) as situações esportivas, principalmente as mais importantes, tendem a ser estressantes e produzir sintomas negativos (*diestresse*):

- Físicos: aumento do batimento cardíaco, sudorese, “frio na barriga”, respiração ofegante, tensão muscular, boca seca, entre outros.
- Mentais: medo, ansiedade, preocupação, dificuldade de se concentrar, dificuldade de tomar decisões, perda do controle, entre outros.
- Comportamentais: falar rapidamente, reprodução de “tics” nervosos, entre outros.

Os autores reiteram que o estresse apresenta também sintomas positivos (*eustresse*) e apronta o corpo para a atividade, deixa o atleta em situação de alerta e apresentando grande estimulação fisiológica, auxilia na manutenção do foco, da atenção e da motivação e conserva um alto nível de energia física.

Assim, ao voltar nosso foco para o cenário esportivo nos deparamos com um contexto único e caracterizado por múltiplos fatores que perpassam o rendimento dos atletas, como fatores físicos, fisiológicos, técnicos, táticos, psicológicos, sociais, entre outros que irão interferir no desempenho e sucesso ou fracasso do jogador/equipe.

Ao nos debruçarmos sob a Psicologia do Esporte para compreender a interligação e relações entre o estresse e o contexto esportivo nos vemos defronte a um modelo adaptado do “Modelo de Processo do Estresse” de McGrath (citado por Weinberg e Gould, 2008) que atualmente apresenta-se como um dos principais modelos para explicar e compreender este fenômeno.

Neste modelo o estresse é visto como um processo em que fatores do ambiente irão influenciar a percepção do atleta e isto ocasionará manifestações psicofisiológicas que irão interferir no seu desempenho.

O modelo adaptado de McGrath apresentado Weinberg e Gould (2008) é composto por 4 estágios que se interrelacionam (Figura 1). O primeiro estágio (demanda ambiental) corresponde às circunstâncias que podem ser físicas ou fisiológicas e são impostas ao indivíduo; o segundo estágio (percepção da demanda) consiste da percepção que o indivíduo tem acerca da circunstância imposta; o terceiro estágio (respostas ao estresse) compreende a resposta física e psicológica do indivíduo à avaliação cognitiva do evento estressor, o quarto e último estágio (consequências comportamentais) refere-se ao comportamento real ou o desempenho esportivo.

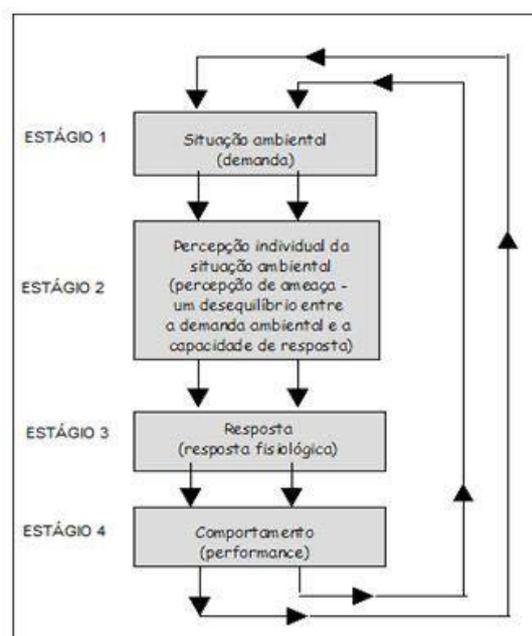


Figura 1. Processo de estresse adaptado de McGrath por Weinberg e Gould (2008, p. 100)

A partir das definições e considerações acerca do processo do estresse torna-se fundamental questionar e destacar quais as principais fontes de estresse.

De acordo com Weinberg e Gould (2008) as principais fontes de estresse no âmbito esportivo são: medo do fracasso, excesso de competições, treinamento não adaptado ao nível do atleta, ambiente negativo de trabalho, filosofia do treinador, cobranças por resultados vitoriosos e perda do autocontrole.

Ao destacar fontes de estresse relacionadas ao esporte Chagas (1998) e Samulski (2009) apresentam pesquisas e elencam uma lista ampla e diversa. Porém, de modo geral, alguns fatores aparecem como recorrentes nas falas destes autores e a subdivisão destas fontes se dá em dois grupos principais: fatores competitivos e fatores não competitivos.

Entre os fatores competitivos se destacam: exigência excessiva; pouca exigência; erro em momentos decisivos e responsabilidade.

Já entre os fatores não competitivos: conflitos com o treinador ou outro membro da equipe; hiperestimulação ou restrição sensorial (através de barulho, dor, luz); conflitos particulares, alteração de hábitos e morte de pessoas próximas; alteração de hábitos e longas viagens.

Ao trazer as principais situações causadoras de estresse em jovens atletas, De Rose Jr. (2002; 2004) divide em dois grupos, uma relacionada aos fatores competitivos e outra aos fatores extra competitivos.

Os fatores competitivos elencados pelo autor foram: errar em momentos decisivos; repetir os mesmos erros; perder jogo praticamente ganho; companheiro egoísta; perder para equipe tecnicamente inferior; técnico que privilegia determinado jogador; arbitragem que prejudica você ou a equipe; jogar abaixo do seu padrão normal; ser excluído do jogo; companheiro que não se esforça; cometer erros que causem a derrota da equipe; jogar contundido ou mau estado físico; companheiro que reclama muito; técnico que não reconhece o esforço do jogador.

Os fatores extracompetitivos apresentados pelo autor são: morte em família; provas em época de competição; ter que estudar mesmo cansado; não ter vida social e vestibular.

A partir destes fatores elencados nota-se que não há muita diferença entre as fontes que desencadeiam estresse em jovens ou não. As pequenas distinções se dão devido às questões que influem sobre os atletas jovens, fatos característicos da idade e imaturidade dos esportistas, como ter que estudar, ter provas e o vestibular.

Segundo Smith (1986 apud De Rose Jr, 2002) o estresse é caracterizado por um processo que envolve a interação entre estímulos do meio esportivo e as demandas particulares. Esta interação se dá por meio da avaliação realizada pelo indivíduo sobre a situação e dará uma significação ao momento e uma resposta, condizente com o sentido dado, que ocorrerá em diversos níveis: somático, fisiológico, emocional, cognitivo e social.

Os componentes e as respostas dadas pelo indivíduo sofrem interferência direta de diversas variáveis - personalidade, capacidades e habilidades, experiência e fatores motivacionais - características estas, particulares de cada indivíduo.

Segundo Battison (1998) são típicos sinais do estresse por período prolongado: cefaléia, fadiga, má concentração, irritabilidade, agressividade, palpitações, indigestão, reações excessivas ou diminuídas e problemas de pele.

Referente ao meio esportivo, De Rose Jr (2002) elenca diversos sintomas desencadeados pelo estresse que aparecem com maior frequência nos momentos pré-competitivos, elencados abaixo:

- Não ver a hora de chegar à competição;
- Ficar preocupado com o resultado da competição;
- Ficar ansioso;
- Ficar empolgado;
- Falar muito sobre a competição;
- Ficar nervoso;
- Ter medo de competir mal;
- Sentir-se mais responsável;
- Ficar preocupado com os adversários;
- Acordar mais cedo que o normal no dia da competição.

Estes sintomas deixam claro que o estresse não interfere somente durante a competição, mas possui grande influência também nos momentos pré competitivos e de modo direto ou indireto (interferindo e alterando o nível dos demais estados emocionais) tende a influenciar no desempenho dos atletas.

Para não deixar que o estresse atrapalhe o rendimento dos atletas torna-se necessário um trabalho que possibilite o equilíbrio dos estados emocionais, inclusive o estresse, auxiliando-os no manejo do estresse.

De acordo com Isler (2003) na busca por um ótimo desempenho esportivo o preparo psicológico se apresenta como tão importante quanto o preparo físico e tático, pois para o atleta ter um bom rendimento ele precisa também de diversas características psicológicas e um estado emocional equilibrado.

Segundo Weinberg e Gould (2008) algumas técnicas podem ser desenvolvidas para enfrentar o estresse, que foram divididas entre as técnicas bem desenvolvidas e estruturadas em pesquisas científicas e outras que vêm da experiência aplicada com atletas.

Entre as técnicas debruçadas em pesquisas científicas foram destacadas:

- Controle do pensamento;
- Foco na tarefa;
- Pensamento racional e diálogo interior;
- Foco e orientação positivos;
- Apoio Social;
- Preparação mental e controle da ansiedade pré competitiva;
- Controle do tempo;
- Treinamento árduo e inteligente.

De modo geral, os autores apontam que as técnicas racionalização, reavaliação, uso do diálogo interior positivo, relaxamento, exercícios de respiração e seguir uma rotina, apresentam resultados positivos e grande eficácia frente ao estresse; enquanto isso tentar demais, acelerar, pensamentos negativos e mudar a rotina mostraram-se ineficazes.

As sugestões pautadas em experiências com atletas, mas sem embasamento científico foram:

- Sorrir quando sentir a tensão;
- Divertir-se e aproveitar a situação;
- Criar situações estressoras no treino;
- Desacelerar;
- Manter o foco no presente;
- Estar preparado e com um bom plano de jogo.

Para conseguir lidar com o estresse e controlar as influências deste estado emocional Samulski (2008) apresenta um modelo básico de controle do estresse (Tabela 2) criado por Nitsch e Hackfort (1981) onde os autores destacam técnicas de controle do estresse como a autorregulação pelo esportista e a regulação pelo treinador ambas realizadas através do controle das condições e/ou dos sintomas.

Tabela 2. Técnicas de controle do estresse segundo Nitsch&Hackfort (1981)

	Controle das condições	Controle dos sintomas
Autorregulação pelo atleta	Boa preparação para o jogo Descanso suficiente (dormir bem) Aprender técnicas de psico-regulação Influenciar o rival	Emprego de técnicas de psico-regulação Conversas destinadas à distração Apoio dos espectadores Evitar contato com o rival
Regulação externa pelo técnico	Treinamento técnico e tático Mudança nos métodos de treinamento Viagem aos jogos com antecedência necessária	Emprego de técnicas de psico-regulação O treinador como motivador do jogador Alcançar um bom clima nos treinos

Fonte: Samulski (2009, p. 251)

Segundo Samulski (2009) algumas técnicas podem e devem ser usadas, pelos próprios atletas para o manejo do estresse. Entre elas aparecem as técnicas cognitivas e as técnicas somáticas. As técnicas cognitivas apresentadas pelo autor, de acordo com Nitsch e Hackfort (1981 apud SAMULSKI, 2009) são práticas de distração e de processamento cognitivo. Os métodos de distração são caracterizados por ter como objetivo a percepção das condições causadoras de problemas utilizando a repressão ou distração deste foco causador de estresse. Já as técnicas de processamento cognitivo pautam-se na reavaliação e esclarecimento da situação estressora.

Enquanto isso os métodos somáticos são: Técnicas de respiração, Treinamento autógeno e Relaxamento por meio de *biofeedback*. As técnicas de respiração de modo geral buscam possibilitar o relaxamento de todo o organismo e os segmentos corporais dos indivíduos através da respiração. O treinamento autógeno caracteriza-se pelo estado da sensação de peso e de calor, que são aprendidas e realizadas pela própria pessoa tendo como meta alcançar um relaxamento interno cada vez maior e o alcance de mudanças em todo o organismo. Já o relaxamento por meio de *biofeedback* tem como objetivo regular o nível de ativação psicofisiológico através do *feedback* ótico-acústico contínuo de parâmetros fisiológicos, ou seja, através de eletrodos os sinais fisiológicos são captados e transformados, com a utilização de um aparelho eletrônico, em sinais acústicos e visuais que permitem ao atleta perceber e regular. (NITSCH; HACKFORT, 1981 apud SAMULSKI, 2009).

As técnicas apresentadas pelos autores como capazes de auxiliar na regulação e manutenção do equilíbrio do estresse devem ser utilizadas de acordo com o grupo e/ou atleta que se pretende trabalhar pois cada qual tem suas particularidades e pode se adequar melhor a uma ou outra metodologia. Deste modo, ficam claras as possibilidades advindas da Psicologia do Esporte e sua utilização de modo a buscar majorar o desempenho dos atletas, destacando que as técnicas são diversas assim como suas variáveis como tempo e recurso financeiro necessário para a realização delas e níveis de dificuldades diferentes cabendo a equipe e seus profissionais saberem adaptar e selecionar a(s) melhor(es) escolhas de acordo com o grupo e/ou atleta foco.

CAPÍTULO 2: TECNOLOGIAS E REDES SOCIAIS

2.1. As tecnologias

É a partir de 1970 que, segundo Wolton (2014), aparece a cibercultura, devido ao crescimento da informatização, evolução e invenções tecnológicas e influência destas na sociedade, assim como as múltiplas possibilidades e culturas que passam a ser inseridas nas redes com uma voracidade até então nunca vista na história das comunicações e do ser humano.

Já não podemos falar das tecnologias, sua velocidade e fugacidade como algo surpreendente, pois isto já é amplamente reconhecido. Poderíamos sim relatar que a cada instante mais inovações são apresentadas e isto gera alterações em nossas vidas e nos surpreende.

Deste modo, também não podemos pensar na modernidade dualisticamente tentando separar a tecnologia das relações humanas e sociais; hoje falar de sociedade é saber que estamos imersos nas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), influenciando nelas e sendo diretamente influenciados por elas.

As principais mudanças atualmente, de acordo com Waiselfisz (2007) estão direta ou indiretamente relacionadas aos processos de informação e comunicação.

Cabe salientar que quando falamos de tecnologias a imagem que vem na cabeça é de aparatos eletrônicos e máquinas, mas a expressão tecnologia diz respeito a muitas outras coisas além de máquinas apenas.

Para Kensi (2010, p. 23) o conceito de tecnologia abarca “a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso e suas aplicações”.

A partir desta afirmação fica claro que não são todas as tecnologias que estão relacionadas a equipamentos e mesmo assim são muito utilizadas pela raça humana desde o início da civilização como, por exemplo, a linguagem.

De acordo com Kensi (2010) a base da tecnologia de informação e comunicação é imaterial, ou seja, ela não é um equipamento ou máquina, mas sim a linguagem.

O avanço das tecnologias principalmente nas últimas décadas tem possibilitado novas maneiras de utilização das TICs para a produção e propagação de informações, como por exemplo, a interação e comunicação em tempo real, dando surgimento às novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs).

Nesta nova categorização é possível incluir a TV, as redes digitais e a internet. Porém, segundo Kenski (2010) com a velocidade dos avanços tecnológicos e a conseqüente banalização dessas tecnologias, o adjetivo “novas” é deixado de lado, ficando nomeadas como TICs.

A partir desta afirmação da autora, ao concordar com esta análise pontual acerca da temática e nomenclatura, adotaremos no trabalho a sigla TICs.

Ao buscar compreender as novas TICs cabe salientar que estas possuem suas próprias lógicas, linguagens particulares e maneiras peculiares de se comunicar e interagir através das individualidades, sejam emocionais, perceptivas, cognitivas e comunicativas, ou todas elas, dos indivíduos.

De acordo com Kenski (2010) as múltiplas redes e comunidades virtuais funcionam através da articulação de diversos elementos que estão conectados e em constante movimento.

Segundo Gonçalves (2011) com a instituição da cibercultura houve um redimensionamento na possibilidade da utilização de uma narrativa não linear, ou seja, hipertextual. Este modo de narrativa, muito comum nas redes sociais é realizada por meio de palavras ou ícones disponibilizados em forma de *links*, ou seja, estes podem ser acessados pelo navegador e possibilitar o acesso a múltiplos documentos, de diversos formatos como, por exemplo, fotos, áudios, vídeos, textos, e etc.

As facilidades advindas dos novos meios tecnológicos, como os hipertextos, são inegáveis, porém seria incorreto omitir que estes também apresentam pontos negativos. Para Gonçalves (2011), ao mesmo tempo em que a narrativa hipertextual desencadeia grande otimismo, pois esta é mais interativa e fascinante, alguns equívocos e limitações ficam explícitas quando o cibernauta está diante do grande volume de informação e sente-se perdido na navegação, sentimentos estes acarretados pelos múltiplos textos interligados, causando inclusive, desperdício de tempo.

Torna-se importante salientar que toda nova tecnologia da comunicação é destacada como capaz de possibilitar uma maior democratização das comunicações

e uma maior interatividade, porém segundo Ibid (2011) isto não passa de um mito amplamente difundido principalmente como estratégia de marketing.

Com os avanços das novas tecnologias e criação de diversas redes de comunicação crescem as possibilidades de obter maior interação, mas isto só será possível de acordo com a participação e aproveitamento do indivíduo inserido neste momento.

Para que seja caracterizada a ocorrência da interatividade realmente, é necessária a participação ativa de todos os interlocutores, ou seja, em diversas redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp*, os indivíduos podem estar se interrelacionando com diversas outras pessoas, mas não necessariamente com participações ativas capazes de elencar esta rede social e/ou momento como interacional.

A partir desta discussão surgem alguns questionamentos e escalas de níveis e tipos de interatividade, que segundo Gonçalves (2011) são baseadas nas características técnicas dos sistemas e na quantidade de opções possíveis às aplicações que podem dar resposta, ou seja, não basta apenas a quantidade de opções de se criar mensagens, mas sim as possibilidades de reapropriação e recombinação da mensagem, tornando o receptor também produtor de mensagens.

Desta maneira, segundo Amaral (2010) as tecnologias e redes sociais se tornam rotinas no nosso cotidiano e apresentam um objetivo de facilitadora e excitadora da comunicação, relação pessoal, social, intelectual, amorosa, entre outras, que ocorrem nesses ambientes e que acabam por tornar os indivíduos distantes do contato físico e da conversa face a face.

Segundo Castells (2013) o lugar físico e suas relações sociais não podem ser extinguidos no campo de estudo, pelo contrário, devem ser consideradas dentro do contexto geral que conecta todas as relações.

Inclusive, diversos autores (RECUERO, 2009; AMARAL, 2010; KOZINETS, 2011; MACHADO e CAMPBELL, 2014) consideram que não há distinção entre o mundo real e o mundo virtual, pois estes “mundos” se misturam e o virtual é tão real quanto o próprio real e o real é tão virtual quanto o próprio virtual.

Desta maneira, passamos a ter um ambiente virtual, onde estão inseridas as redes sociais, que proporcionam grande interação entre as pessoas e possibilitam um amplo meio de contato, troca de mensagens, bate-papos e exposição de

situações e momentos particulares, que favorecem e permitem a coleta de dados. (MACHADO; CAMPBELL, 2014).

Martins (2013) ao se debruçar sobre o assunto relata que a internet e as redes sociais devem ser vistas como facilitadoras do contato humano e do conhecimento e ampliação de grupos sociais. Deste modo, mesmo diante da fugacidade da exposição nestes meios é possível desenvolver análises verbais e não verbais na internet, com múltiplas finalidades, variáveis de acordo com o objetivo de cada pesquisador e sua pesquisa.

Neste contexto, as redes sociais destoam por viabilizarem algumas praticidades, como as elencadas por Machado e Campbell (2014): um maior contato, organização, dinamismo e variedade com os meios e tipos de questionamentos, dados e coleta de resposta com maior praticidade e agilidade, otimizando o tempo dos pesquisadores e participantes das pesquisas.

Inclusive, os autores Machado e Campbell (2014) apontam que ao realizar coletas via internet e/ou redes sociais algumas barreiras vistas como limitadoras e complicadoras do estudo podem ser quebradas como, por exemplo, a exposição do indivíduo participante da pesquisa e das suas declarações e respostas, de modo a favorecer uma coleta eficiente e adequada, possibilitando o anonimato.

Nota-se deste modo que aos poucos as novas tecnologias vão se inserindo, conquistando espaço e sendo cada vez mais marcantes no mundo acadêmico, pois, como elencadas acima são muitas as melhorias e facilidades evidenciadas e possibilitadas pelo uso da internet e/ou das redes sociais para a realização das pesquisas.

Até mesmo o mundo acadêmico, considerado muito rígido e resistente às grandes inovações, principalmente metodológicas, começa a se “render” às tecnologias e ao uso da *internet*.

Para Neves (2007) o autor chegamos a um novo patamar civilizatório, onde a grande rede de comunicação foi criada com dois intuitos principais, o de possibilitar a comunicação e o de arquivar o conhecimento, e graças ao desenvolvimento de máquinas eletrônicas capazes de processar e armazenar informações e dados estamos diante de um futuro desafiador.

Este futuro já não é longínquo, muito pelo contrário, pode até ser considerado presente, pois ao mesmo tempo em que pensamos nas consequências e inovações

futuras nos deparamos com estas ocorrendo no segundo seguinte, ao nosso lado e ao alcance de nossas mãos e visão.

As relações humanas na contemporaneidade, independentemente de sua finalidade ser de cunho social, afetivo, profissional, comercial, entre outras estão todas, de acordo com Neves (2007) mediadas e relacionadas à grande rede.

Desta maneira fica clara a dependência dos seres humanos frente a este avanço tecnológico que nos dias atuais se apresenta como essencial, relevante e até vital para a existência de qualquer indivíduo, caso este não queira ser considerado irrelevante e improdutivo.

Cada vez mais no nosso dia a dia, precisaremos de mais informações, dados e conhecimentos que estão armazenados em algum lugar da Web.

Segundo Neves (2007) o mundo do século passado em termos de comunicação era marcado pela seguinte configuração: de um lado os emissores de mensagem, que eram poucos e grandes; e do outro lado os consumidores, bilhões de seres humanos passivos que apenas consumiam o conteúdo transmitido. No contexto atual nota-se a grande mudança neste cenário, onde os grandes emissores continuam a existir mas precisam compreender e saber lidar com os milhares de emissores pequenos que se unem em rede e se associam para criar e produzir mais informação.

Frente a este contexto, de acordo com Dias e Couto (2011), as redes sociais acabam por constituir um sujeito do conhecimento que, ao mesmo tempo, é receptor e produtor de conhecimento.

Nos dias atuais qualquer indivíduo portador de um celular, *tablet* ou outro aparato eletrônico com acesso à internet pode ocupar o lugar de uma grande rede de jornal ou televisão e noticiar “em primeira mão” uma notícia, seja ela esportiva, policial, científica ou de qualquer outra área, simplesmente por este indivíduo estar no local certo na hora exata e conseguir publicar esta notícia que em segundos poderá ser compartilhada, curtida, comentada e atingir milhares e até milhões de pessoas.

Essa pulverização do emissor levanta um questionamento sobre a fidedignidade e qualidade dos conteúdos e informações transmitidos por estes pequenos emissores.

Neves (2007) aponta que a massificação exagerada tende a gerar um empobrecimento cultural, mas em contrapartida, pode ser exaltada, pois possibilita a criação de uma base comum para a humanidade.

Frente a este contexto cada indivíduo deve buscar seus próprios meios e fontes para obter as informações e conteúdos que necessita de maneira especializada e diversa, muitas vezes até, sendo direcionado a montar sua própria mídia pessoal.

No entanto, com os avanços e adventos tecnológicos e a utilização, disponibilização e popularização propiciadas pelos seres humanos foi estabelecida, o que é denominada por Neves (2007, p. 209) como “a mais extraordinária das ferramentas de comunicação: a Web”.

A Internet já substitui muitas das necessidades de mobilidade física pela sua imensa capacidade de acessibilidade virtual. Com a Web mais e mais pessoas vão percebendo que uma nova dimensão foi incorporada ao cotidiano humano no planeta Terra. Essa nova reorganização geográfica é chamada de ciberespaço e, com essa nova dimensão, a geografia cotidiana passa a ter a mesma extensão do planeta Terra.

Qualquer cidadão, em qualquer lugar do planeta pode “estar em dois, três ou vários lugares diferentes ao mesmo tempo”, não fisicamente, mas pelas redes sociais.

Esses avanços e possibilidades advindos do desenvolvimento tecnológico possuem algumas consequências advindas das facilidades e vantagens da utilização dessa geografia que interrelaciona mobilidade e acessibilidade. A principal e mais notória consequência é que a cada dia, mais tempo e em todos os lugares e momentos – seja no trabalho, no momento de lazer, na reunião com os amigos ou até mesmo durante encontros amorosos- as pessoas estarão (e estão) conectadas e atentas a tela do computador, *tablet*, *smartphone* ou qualquer outro aparato tecnológico que possibilite o acesso à internet (Ibid, 2007).

Neste novo contexto as pessoas tornam-se globalizadas, não apenas profissionalmente, mas também em termos de vida pessoal, social e afetiva onde o contato com seus conhecidos, colegas, amigos e até relacionamentos amorosos são mantidos através da rede, muitas vezes sem sequer conhecer pessoalmente a pessoa que está do outro lado.

Via internet somos capazes de conhecer, descobrir e manter novos focos de interesse, muitos sequer pensados anteriormente ou apenas difíceis de conciliar e manter devido a distancia ou outros fatores, advindos de afeição comum com uma ou diversas outras pessoas de lugares, faixas etárias, estado econômico e culturas mais diversas e sequer imaginadas anteriormente, sem a necessidade de longos e/ou frequentes deslocamentos.

2.2. As redes sociais

Hoje, além de nosso bairro, nossas comunidades são os nossos interesses coletivos com outros seres humanos, estejam onde estiverem. Nossa geografia é definida pelo estilo de vida e temas pelos quais temos interesse, os quais desejamos ampliar o conhecimento e manter contato frequente de modo a possibilitar adquirir o máximo de informações sobre.

Diversos são os tipos de comunidades e sites de redes sociais da Internet que aparecem e são criados a cada dia: Wikis, Blogs, Facebook, Twitter, LinkedIn, Instagram, Whatsapp, entre outros.

De acordo com Dias e Couto (2011) as redes sociais são ambientes virtuais onde os indivíduos se relacionam e instituem, de acordo com a criação e divulgação do conhecimento, uma maneira de se socializar com seus pares.

Essa maneira de se socializar, segundo Recuero (2005) apresenta alguns elementos que formam as comunidades virtuais. Para a autora estes elementos são: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda, mantêm contato através da Internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento. Deste modo, a formação das comunidades se dá a partir da formação de redes de relações sociais, constituídas pelos elementos acima citados combinados através do ciberespaço.

Assim, a comunidade virtual é compreendida por Recuero (2009) como o estabelecimento de relações sociais por um grupo de pessoas, desde que estas permaneçam tempo suficiente conectadas, de modo a constituir uma organização, via comunicação mediada por computador.

Ao analisar esta definição da autora, compreende-se que a formação das redes sociais se dá a partir do interesse comum de pessoas, seja na discussão de

algum tema, conhecer pessoas ou manter contato com indivíduos conhecidos, mas torna-se necessário acrescentar que esta relação não é realizada somente através do computador e sendo imprescindível apenas a conexão com a internet para possibilitar o acesso à rede de interesse do indivíduo.

Desta maneira, cada ser humano tem suas redes sociais de acordo com seus interesses e/ou círculo social “fora do mundo virtual”, ou seja, *offline*. Ao conectar-se à internet, ato este que pode ser realizado através de diversos aparatos tecnológicos como, por exemplo, *tablets*, *smartphones*, computadores, entre outros, o indivíduo passa a integrar e interagir no mundo *online* ter acesso às redes sociais.

Como o acesso e interação em redes sociais se dá principalmente de acordo com o interesse dos indivíduos, acrescentando fatores culturais, etários e sociais, tornam-se muito amplas as possibilidades de fins para estas redes.

Algumas das principais redes sociais são baseadas em possibilitar conhecer novas pessoas, outras possuem caráter mais cultural, umas tem finalidade de auxiliar no compartilhamento de conteúdos, diversas visam o ambiente corporativo, entre múltiplas outras que não podem ser elencadas nestas subdivisões e possuem características próprias.

Independente da finalidade e consciente da ampla diversidade de redes sociais existentes é indiscutível o sucesso destas. De acordo com a Digital Insights (2014) as principais redes sociais fecharam o ano de 2014 com números impressionantes. O facebook de acordo com o dado disponibilizado conta com 1.28 bilhões de usuários ativos, dos quais 1.01 bilhão de usuários acessam a rede pelo celular, esta rede social tem também mais de 50 milhões de FacebookPages. Logo após o facebook encontra-se o Google+ que dispõe de 540 milhões de usuários ativos e 1.6 bilhão de usuários cadastrados. O Twitter tem de acordo com os dados 255 milhões de usuários ativos em que são postados 500 milhões de “tuítes” todos os dias e 46% dos usuários “tuítam” pelo menos 1 vez por dia. Já o Instagram tem 200 milhões de usuários ativos, com mais de 20 bilhões de fotos compartilhadas até hoje (mais ou menos duas para cada pessoa na Terra), 23% dos adolescentes consideram o Instagram sua rede social favorita, que teve 50 milhões de novos usuários nos últimos 6 meses. A rede social LinkedIn tem hoje 187 milhões de usuários ativos distribuídos em mais de 200 territórios, e a cada segundo mais de 2 usuários se inscrevem no LinkedIn. Já no Youtube cerca de 6 bilhões de horas de

vídeos são vistos todo mês, 100 horas de vídeos são postadas a cada minuto e 1 bilhão de vídeos é a média de *views* por dia.

Estas estatísticas demonstram a importância e propiciam uma mostra o quanto ampla é a propagação e abrangência das redes sociais, levando-se em conta que os dados acima fazem referência apenas às redes sociais mais conhecidas e utilizadas, sendo estas apenas algumas entre as muitas redes sociais existentes no mundo e as várias outras criadas a cada dia.

Desta maneira, frente ao contexto moderno no qual as redes sociais e a vida *online* é tão, ou mais, ativa que a vida *offline* cabe aos seres humanos fazer o melhor uso e aproveitar das facilidades provenientes destas tecnologias e redes sociais, sabendo que os problemas não estão nas tecnologias, mas sim no uso que se faz delas.

CAPÍTULO 3: COMPETIÇÃO E COPA DO MUNDO

3.1. A competição

Ao falar sobre competições, Betti (1991) define como sendo uma atividade que tem como objetivo alvejar uma meta ou padrão, onde o desempenho do indivíduo ou seu grupo é comparado e analisado em relação ao de outro indivíduo ou grupo elencado, levando assim, a uma classificação entre os indivíduos e/ou grupos.

Para Ibid (1991) uma competição coletiva é caracterizada por possibilitar e necessitar de cooperação entre os membros da equipe/grupo com o intuito de atingir uma meta comum.

Frente ao contexto esportivo torna-se redundante falar que se trata de um cenário competitivo, porém, cabe analisar este elemento sob diversos pontos de vista, iniciando a partir das competições infantis/escolares até adentrarmos ao contexto utilizado neste trabalho, o de competições profissionais de alto rendimento.

Para diversos autores (HUIZINGA, 1980; MACHADO, 1994; BRUHNS, 2001) a principal diferenciação entre a competição de alto rendimento e a competição escolar ou a iniciação esportiva está relacionada aos objetivos das atividades propostas.

Ao trabalhar com esta distinção, Machado (1994) inicia sua abordagem diferenciando a competição do jogo, este que, segundo o autor, seria o mais apropriado no contexto escolar e de iniciação esportiva.

Bruhns (2001) apresenta diversos fatores que devem estar presente na atividade para que essa possa ser considerada um jogo. Dentre os fatores elencados pela autora, os principais destacados são: o prazer, a naturalidade, a não preocupação com o resultado final e a não existência de conflitos, fatos estes que tornam o jogo mais interessante.

Segundo Huizinga (1980) o jogo-competição traz a intenção de ganhar, que está relacionada ao fato de sentir-se superior ao outro, derrotado. Enquanto isso, no jogo-festa o importante é vivenciar e participar, integrar-se com os outros e permitir que o maior número de participantes possível faça parte daquele momento.

Outro autor que traz a discussão acerca da diferenciação entre o a competição (jogo-competição) e o jogo propriamente dito (jogo-festa) é Machado (1994). De acordo com o autor, o fator central que diferencia a competição e o jogo é o fato do jogo possibilitar maior aderência e participação, pois a competição apresenta-se na forma de campeonatos institucionalizados com o intuito da conquista de títulos e premiações enquanto o jogo se relaciona a uma festa sem maiores preocupações com o resultado.

Essa distinção torna-se notória uma vez que a competição e participação estão sempre presentes nos mais diversos âmbitos do esporte, onde a dissociação se dá a partir da ênfase dada ao jogo. Quando o jogo apresenta um caráter de desempenho apresenta-se como competição e quando objetiva a ludicidade, socialização e transmissão de valores destaca-se a participação.

Deste modo, ao concordar com Machado (1994), acredita-se que a prioridade deva ser dada ao jogo na iniciação esportiva de modo a destacar sempre a dimensão lúdica sem valorizar apenas as vitórias e derrotas, de modo a possibilitar que este tenha um valor educacional e se apresente como elemento importante na formação dos valores educacionais e culturais.

Já no contexto competitivo, para Ibid (1994) o jogo também possui sua importância, que está relacionada ao respeito pelas regras e a busca pela vitória, fato este que para o autor é próprio do ser humano e não deve ser abominado.

Esses apontamentos nos faz compreender que a competição na escola e na iniciação esportiva se faz necessária e útil, desde que seja organizada e planejada com seriedade afim de atingir os objetivos propostos, que devem ser, entre outros, fomentar o prazer pela prática esportiva e possibilitar o desenvolvimento integral do aluno.

Por estas razões Presoto, Machado e Gouvêa (2006, p. 259) afirmam que “O peso dado ao esporte, enquanto fenômeno sociocultural necessita de maiores esclarecimentos. Isso é relevante para que não se caia numa análise ingênua da temática, sem uma consideração crítica”.

Ao concordar com os autores abarcaremos em nossa discussão acerca da competição outros olhares, de modo a compreender melhor este fenômeno de central importância no trabalho.

Segundo Bourg e Gouguet (2005) ao ver o esporte com um enfoque político, nota-se que este é utilizado como forma de propaganda política, ideológica e de

regimes, o *hanking* de medalhas e vitórias ultrapassa as barreiras esportivas e refletem uma questão política essencial. Ao buscar outro ponto de vista sobre o esporte nos deparamos com a economia. Sob o ponto de vista econômico, é impossível dissociar o esporte da era moderna e notar que a prática esportiva está diretamente associada às questões financeiras, ou seja, o lucro vem em primeiro lugar e muitas questões fundamentais do esporte são deixadas em segundo plano.

Ao falar das questões que fundamentam o esporte torna-se interessante refletir sobre os apontamentos feitos por Rebutini (2012) quando destaca dois lemas incorporados pelos Jogos Olímpicos da Era Moderna, no final do século XIX.

O primeiro deles, e mais conhecido, é a frase do Barão de Coubertin: “O importante não é vencer, mas competir. E com dignidade”. O segundo, que apesar de menos conhecido não é menos importante e interessante, é a frase: “Citius, Altius, Fortius” (O Mais Rápido, O Mais Alto, O Mais Forte), do padre Henri Martin, utilizada para descrever as realizações esportivas dos estudantes do Albert Le Grand School (LIMA; MARTINS; CAPRARO, 2009).

Deste modo é notória a relação da competição com o resultado, a comparação e a distinção feita entre o vencedor e o perdedor, inclusive, segundo Rebutini (2012) quando se atenta ao fato do destaque feito no singular e não no plural, fato este que remete a um único vencedor e menosprezo do derrotado.

Já não somos mais acostumados com essas questões “românticas” do esporte antigo, como destacado na frase do Barão de Coubertin, no contexto atual e no meio do esporte de alto rendimento, onde, o importante é vencer e para isso vale tudo, inclusive deixando de lado questões éticas e morais na busca pela glória.

Ao refletir sobre as condutas e a moralidade no contexto esportivo Moiola (2013) relata:

As condutas e a moralidade adotadas no cotidiano esportivo são construídas a partir da sua interação e integração com um discurso já consolidado, visto que, ao ingressar neste mundo, devem adequar-se às leis relativas ao funcionamento dessa engrenagem. A blindagem que envolve os atores desse mundo cria regras, valores e normas próprias para o ambiente, normas que em muitos casos não estão de acordo com as convenções sociais. (MOIOLI, 2013, p.192)

Assim, o autor deixa claro que o ambiente esportivo apresenta suas próprias normas morais e éticas, ou seja, atitudes, condutas, regras e o que é aceitável ou

não que muitas vezes diferem e vão contra as normas sociais pré estabelecidas, como por exemplo, durante as partidas burlar as regras do esporte e fazer uso de doping para conquistar a vitória.

Então nos deparamos com uma contradição, pois o “fair play”, jogo limpo, é apontado como uma das principais filosofias do esporte mas que na realidade não passa de uma bandeira estendida sem um mastro para ser hasteada, ou seja, por mais que todos saibam não vemos este lema ser seguido no mundo esportivo, ao contrário, notamos este ser afrontado e derrotado pela vitória à qualquer custo.

Esta busca pela conquista de glórias e vitórias a qualquer custo possui diversas influências culturais e sociais inclusive, no contexto moderno, com grande interferência midiática sobre os atletas, treinadores e indivíduos que trabalham diretamente com o esporte de alto rendimento.

Esta relação do esporte com a mídia conquista ainda mais importância no contexto atual em que estamos envoltos e submersos na era das tecnologias, onde qualquer pessoa pode participar, criar, publicar e auxiliar no trabalho de jornalistas, como já comentado e explicitado no Capítulo 2.

Frente a influência midiática no esporte somos chamados a vislumbrar um novo patamar de cobertura, transmissões e interações. Lugares desconhecidos, equipes de pequena expressão e atletas praticamente amadores são apresentados em duas vertentes: como oportunidade de patrocínio, muitas vezes pontuais durante uma competição ou até mesmo apenas por uma partida, um grupo de atletas, apenas um ou outro atleta, normalmente o de maior destaque no time, ou somente o patrocínio e divulgação nas redes sociais deste (s) atleta (s), visando atingir um público específico; e/ou como possíveis mitos e ídolos que de um instante para outro passam do anonimato para o reconhecimento internacional.

Se isso interfere em divisões de menor expressão, com coberturas amadoras e sem tanta “badalação”, imagina com relação aos já reconhecidos e badalados atletas que estão sempre expostos nas transmissões, propagandas e redes sociais? Como lidar com esta atenção, observação e acompanhamento 24 horas por dia? E mais, como bem retrata Rebutini (2012), como aceitar que poucos segundos depois já não é mais a notícia do momento e foi deixado de escanteio por outra notícia que dê mais audiência?

Essas são questões muito comuns no contexto esportivo moderno, que também interferem na vida social de atletas e profissionais envolvidos no meio esportivo, assim como podem inferir nos estados emocionais e desempenho destes.

Deste modo é notório a importância do fenômeno esportivo na vida dos profissionais e pessoas envolvidas direta ou indiretamente com o contexto, fato este que toma ainda mais relevância e importância ao verificarmos, de acordo com Ibid (2012) que os dois maiores eventos do mundo são esportivos, sendo estes a Olimpíada e a Copa do Mundo de Futebol.

Ao analisarmos os dois maiores eventos do mundo, a Olimpíada e a Copa do Mundo de Futebol nota-se que estas apresentam suas características particulares, expressividades, preferências, importâncias, entre outros diversos fatores individuais, porém, a Copa do Mundo traz à tona um fato que gera ainda mais expressividade e perplexidade por se tratar de uma competição que envolve apenas uma modalidade esportiva, o futebol.

3.2. A Copa do Mundo

Neste contexto, a Copa do Mundo de Futebol se destaca como o principal entre os campeonatos mundiais das diversas modalidades, mais conhecido, divulgado e coberto pela mídia.

Inclusive, ao fazer alusão à Copa do Mundo de Futebol mais recente, disputada no Brasil em 2014, foi notória a força e capacidade do futebol no Brasil.

Segundo Gastaldo (2002) assim como em datas especiais como carnaval, natal e casamentos, os jogos da seleção “canarinho³” são acompanhados de toda uma preparação que antecede a partida, com compras, decoração e reunião de amigos e/ou familiares.

Inclusive, segundo o autor (Ibid, 2002) todo esse alvoroço causado em dias de jogo da seleção brasileira passaram, à partir da Copa de 2002, a representar um consenso da população à respeito das alterações no cotidiano de todos.

³ O termo “seleção canarinho” surgiu em 1954, quando a cor amarelo-canário passou a fazer parte do uniforme da seleção brasileira de futebol. O novo uniforme fez sua estreia na Copa do Mundo da Suíça, onde acabou recebendo do radialista Geraldo José de Almeida o apelido “Seleção Canarinho”.

Em dias de jogo é como se fosse declarado feriado, inclusive em 2014 com a presidente do país declarando ponto facultativo no dia dos jogos da seleção. Os bancos alteram seus horários de funcionamento assim como os empreendimentos comerciais, trabalhadores autônomos, empregados de grandes empresas, proprietários e até os grandes empresários das maiores empresas do país reorganizam as agendas, alteram os horários de funcionamento para que possam acompanhar os jogos do Brasil na copa do mundo de futebol.

Durante a competição e influenciados pela cobertura midiática, fachada de prédios e casas são cobertas pelas cores verde e amarela e bandeiras do Brasil, empresas criam uniformes exclusivamente confeccionados para que sejam utilizados durante o torneio por seus funcionários, carros recebem bandeirinhas nos vidros ou bandeiras no capô, como que para mostrar para todos que ali mora e está presente um torcedor, patriota e orgulhoso de ser brasileiro.

Esta sensação é emblemática para Ibid (2002) que aponta a Copa do Mundo de futebol como o principal momento onde o povo celebra a sua nacionalidade. Durante a competição, instala-se um clima de euforismo onde o Brasil é sempre o favorito e o “melhor” do mundo”, mesmo quando perde.

Em meio a este contexto, até mesmo os anti-seleção brasileira, anti-Copa no Brasil, pessoas que não gostam de futebol ou que por qualquer motivo não queriam acompanhar ou não tinham qualquer interesse no mundial de futebol acabaram “obrigados” a vivenciar o mundial. Não apenas por serem moradores do país que estava realizando o campeonato mundial, mas por forças maiores torna-se difícil encontrar alguém que conseguiu ficar “esterilizado” à Copa no Brasil.

A alienação foi praticamente impossível. Frente ao cenário de coberturas praticamente 24 horas por dia, com todos os canais de televisão aberta – além dos canais fechados e de *pay per view*- transmitindo partidas, falando e noticiando sobre a competição, milhões de sites e mídias sociais relatando e comentando sobre o torneio, seleções, atletas e o dia a dia durante o mundial, tudo isso somado ao fato das empresas e comércios que fechavam as portas durante as partidas da seleção brasileira, fez com que até mesmo os que não queriam acabaram, mesmo que indiretamente, sendo envolvidos e contagiados pela Copa do Mundo.

Gastaldo (2009) ao comentar sobre a Copa do Mundo aponta que a impressão de “saturação” da mídia com o tema Copa do Mundo em momento

antecessor à competição era equivocada, pois menos da metade dos anúncios divulgados em televisão, jornal e revista referiam-se ao tema.

Durante o período da competição, segundo *Ibid* (2009) devido a necessidade de se ampliar e fortalecer o interesse das pessoas pela temática, com o intuito de obter maior audiência, a mídia passa a dar dedicação quase exclusiva a temática e cobertura da Copa do Mundo, fato este capaz de promover a sensação de saturação.

Há mais de 10 anos, em 2002, Helal e Soares (2002) já apontavam para o início de um processo de mudança nas narrativas referentes ao futebol no Brasil e, principalmente, ao futebol da seleção brasileira. Segundo os autores havia uma disputa entre autores que se mantinham ferrenhos à afirmação e confirmação da identidade nacional e outros, em sua grande maioria especialistas e estudiosos do futebol, que buscavam acabar com esse paradigma.

Naquele contexto, Helal e Soares (2002) diziam que as narrativas referentes à seleção brasileira variavam de acordo com o momento da competição e, de acordo com os resultados e a superação de adversários e classificação para a fase seguinte, ia aumentando a frequência das narrativas que valorizavam o estilo nacional.

Porém, este cenário parece algo imutável, por mais que derrotas aconteçam e vexames, como a derrota para a seleção da Alemanha por 7 x 1 na semifinal da Copa do Mundo de 2014, estejam ainda vívidos na cabeça dos torcedores; a frase veiculada em 1998 após a derrota na final da Copa onde em um VT, um locutor em *off*, diz: “Seremos sempre o país do futebol!!!” parece se manter como uma verdade questionável, porém, marcante.

Esse questionamento e a marca histórica do futebol brasileiro, ficam claras nas palavras de Tostão (2014), ao se referir ao fatídico jogo da eliminação da seleção brasileira na semifinal da Copa do Mundo disputada no Brasil, pelo vexatório placar de 7 x 1:

Se um ET assistisse ao jogo de ontem, sem saber em que país estava, sem conhecer a cor da camisa de cada seleção e tivesse detalhadas informações sobre a história do futebol, diria, após a partida, que o Brasil, o país do futebol, o da camisa rubro-negra, mostrou toda a magia, a técnica e a fantasia de seus jogadores, além de dar um show de talento coletivo. O hexa não chegou, contrariando o que estava escrito no ônibus da seleção brasileira. A taça escapou, contrariando a frase dita por Parreira, de que o Brasil estava com ela

nas mãos. O Brasil perdeu, pior, de goleada, para contrariar Felipão, que tinha dito que ganhar o Mundial era obrigação e que a seleção seria campeã. (TOSTÃO, 2014, p. 1)

Nas palavras deste ex- jogador e cronista esportivo ficam claros alguns pontos que apresentam a opinião da maioria dos indivíduos brasileiros, sejam eles envolvidos no meio do futebol ou pertencentes ao senso comum: a indignação frente ao resultado e desempenho da seleção brasileira e também a demonstração de que se fosse alguém que tivesse informações sobre o futebol e assistisse à partida acreditaria que era o Brasil que havia vencido, pois a seleção Alemã apresentou o futebol que representa o jogo característico da seleção e atletas brasileiros.

Sob este ponto de vista, assim como diversos estudiosos e pessoas envolvidas no meio do futebol, acredito que o Brasil ser visto como o país do futebol está muito mais ancorado e enraizado devido ao futebol, características e conquistas passadas que devido ao momento atual do futebol brasileiro.

Até mesmo no contexto nacional, nota-se que a presença dos torcedores no estádio diminui a cada ano (apesar de creditar muito desta diminuição ao preço dos ingressos; maior praticidade, facilidade e segurança em assistir as partidas pela televisão ou internet; e medo da violência), assim como, torna-se recorrente a discussão e indagações quanto a queda do nível técnico das partidas de campeonatos estaduais, nacionais e internacionais.

Deste modo, concorda-se com Helal e Soares (2002) quando apontam que os atletas brasileiros, são cada vez menos heróis nacionais e cada vez mais heróis globalizados. Os principais jogadores da seleção brasileira atuam fora do país, principalmente na Europa, estão associados a grandes marcas, possuem contratos milionários e alguns sequer são conhecidos pelos torcedores brasileiros.

Neste sentido, Escudeiro (2014), dispõe ao público a convocação das 32 seleções que iriam participar da Copa do Mundo no Brasil e nos permite reforçar o apontado por Ibid (2002), quando ao analisar que dos 23 atletas brasileiros convocados apenas 4 atuavam no Brasil.

Creio que diversas questões são levantadas frente ao fracasso da seleção brasileira, porém não é a questão de atuar ou não no Brasil, se importar ou não com a história da “amarelinha” ou ganhar muito dinheiro ou não que fariam a diferença, são múltiplos os fatores que influem no resultado de uma partida de futebol, ainda

mais se essa partida for em uma Copa do Mundo e com o agravante desta ser no Brasil.

Neste contexto intenso e denso, além dos aspectos técnicos, físicos e táticos, um dos fatores fundamentais é o equilíbrio psicológico, fato este notoriamente marginalizado pelos responsáveis pelo planejamento da seleção, e apenas contemplado a partir de um convite emergencial de Felipão, técnico da seleção brasileira, à Maria Regina Brandão sua amiga particular para realizar um trabalho psicológico com a equipe.

CAPÍTULO 4: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo será descrito o tratamento metodológico que orientou a realização do presente trabalho.

O trabalho pauta-se em pesquisa exploratória para compreender o objetivo apresentado para este estudo. A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Além de exploratória, esta pesquisa trata-se também de um estudo de caso, já que pretende realizar a análise de um caso específico: interrogar as condições de possibilidade do trabalho psicológico desenvolvido com a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, ocorrida no Brasil.

Esta pesquisa utilizará como método a análise documental. Para Lüdke e André (1986) é considerado documento qualquer material registrado que possa ser utilizado como fonte de informação. Estes autores propõem que para a concretização do estudo de documentos a técnica de leituras sucessivas seja realizada, técnica esta que consiste na realização de várias leituras até que o material seja considerado esgotado e que os dados se mostrem redundantes.

De acordo com Gil (2008, p. 47) as pesquisas que se utilizam de documentos são importantes, pois mesmo que não apresentem verdades absolutas sobre si podem proporcionar maior visão de um determinado problema:

Ainda em relação a esse problema, convém lembrar que algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes, não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão deste problema ou, então, hipóteses que conduzem a sua verificação por outros meios. (GIL, 2008, p.47)

Neste sentido, com a intenção de proporcionar uma melhor visão do presente objetivo de pesquisa, realizou-se pesquisa documental em que através do uso da internet e de redes sociais foram identificadas notícias e também uma entrevista que tiveram bastante repercussão na web durante e após a realização da Copa do Mundo de 2014.

Foram então selecionadas 15 reportagens, que envolviam questionamentos e apresentações sobre o trabalho psicológico realizado com a Seleção Brasileira de

Futebol, o desempenho e aspectos emocionais dos atletas da seleção e uma entrevista concedida pela Psicóloga envolvida na competição.

Além das reportagens e da entrevista, foram utilizadas também crônicas esportivas de alguns cronistas esportistas brasileiros, como João Saldanha, Juca Kfourri, José Miguel Wisnik e Tostão.

As reportagens selecionadas foram publicadas nos principais sites que realizaram a cobertura da Copa do Mundo de 2014 e que fizeram referência aos aspectos emocionais e o trabalho psicológico realizado com os atletas participantes da competição e também à psicóloga da seleção.

A entrevista selecionada foi transmitida na televisão pelo programa Roda Viva, programa tradicional exibido na TV Cultura. Neste programa são realizadas às segundas-feiras entrevistas com diversos líderes com temas relacionados ao cotidiano. Neste sentido, logo após o final da Copa do Mundo, em que o Brasil teve um resultado aquém do esperado, foi realizada entrevista com a psicóloga da Seleção Brasileira de Futebol.

A entrevista selecionada, após ser transmitida na TV, foi disponibilizada no YouTube, possibilitando assim o constante acesso da população interessada e também da transcrição do material para posterior análise.

Após a transcrição dos fragmentos principais da entrevista e seleção de quais seriam as reportagens a serem analisadas realizou-se uma apreciação destes documentos já que esta consiste em uma técnica importante na pesquisa qualitativa, como diz Abreu (2008, p. 27) e que foi definida como a mais pertinente para o trabalho em questão.

A pesquisa documental é uma técnica decisiva para a pesquisa em ciências sociais e humanas; é indispensável porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação; é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos. (ABREU, 2008, p.27)

A realização da análise documental foi realizada com as reportagens e as entrevistas apresentadas que começaram a registrar indícios de como a psicologia do esporte foi tratada pela mídia e como foi realizado o trabalho psicológico com a seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014.

CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO

Não era uma partida qualquer. Tratava-se da semifinal da Copa do Mundo de Futebol de 2014, realizada no Brasil, com o estádio do Mineirão lotado e mais de 58 mil espectadores presentes, sem falar nos bilhões de espectadores acompanhando pela televisão, rádio, internet, entre outros meios.

Aos 10 minutos a seleção brasileira começou a se desestabilizar, tomou o 2º gol com 22 minutos e aí, segundo o próprio técnico Felipão, houve uma “pane geral” que originou mais 3 gols em menos de 7 minutos. Aí já era tarde, o Brasil inteiro parou, o mundo inteiro ficou boquiaberto e a seleção da Alemanha só administrou a partida até o final, com tempo e chances para marcar mais dois gols na segunda etapa e ver a seleção “canarinho” marcar seu gol de honra aos 44 minutos do segundo tempo.

Após o término da partida, considerada pela mídia especializada como a pior derrota da seleção brasileira em toda a história do futebol, o treinador da seleção brasileira, apontou como motivo para a derrota desastrosa a “pane geral”, como relatado pelo site Globoesporte (2014a):

Foi uma derrota ruim, seis minutos de pane geral. Se eu pudesse te responder o que aconteceu naqueles seis minutos, eu responderia, mas eu não sei. (GLOBOESPORTE, 2014a, s/p)

Após a dramática derrota da seleção brasileira o treinador, que é responsável pela escalação e organização da equipe objetivando a vitória, vem a público e tenta esboçar uma justificativa muito simplista e frágil. Como pôde a seleção brasileira entrar em “pane” durante uma semifinal de Copa do Mundo? Na busca pelo título, não deveriam os atletas e membros da comissão técnica estar preparados para superar dificuldades e momentos controversos durante o torneio? A preparação da equipe não foi pautada em diversas e múltiplas possibilidades de adversidades de modo a preparar os atletas para buscar saídas? O aspecto psicológico não foi trabalhado durante a fase preparatória? Não era sabido que esta competição, em particular, acarretaria uma pressão muito grande sobre os atletas, que precisariam ter a capacidade de manejar e equilibrar seus estados emocionais?

Ao ser questionada durante o programa Roda Viva, em momento posterior ao término da Copa do Mundo, se a avaliação de que houve uma “pane” foi dela, a psicóloga Regina Brandão explica:

Não, não estou dizendo que não houve, quem falou em pane foi ele (Felipão) não fui eu. (RODA VIVA, 2014, s/p)

É incerto tudo o que ocorreu dentro de campo, no vestiário e na concentração, mas o contexto em que se deu o contorno dos fatos, ou seja, a explicação do treinador e os comentários da psicóloga Regina Brandão remetem inquietações que fomentam interrogações intrigantes. Chamada por Felipão para tentar auxiliar na preparação psicológica dos atletas, aparentemente, a psicóloga tem a sua frente limitações bem demarcadas em relação às condições que foram disponibilizadas para a realização do trabalho.

Ao acatar o pedido de Felipão, a psicóloga Regina Brandão ficou exposta, mesmo ciente de que algumas necessidades para a efetivação do trabalho não seriam permitidas. A psicóloga aceitou o pedido de seu amigo e tentou, na medida do permitido fazer uma intervenção levando em conta as condições precárias.

Feito corretamente ou não, se foi suficiente ou insuficiente o trabalho, estas indagações compõe fatos, dados e questionamentos sobre os quais debruçaremos durante este capítulo.

Três dias após a derrota da seleção brasileira para a Holanda por 3 a 0 na disputa pelo terceiro lugar no mundial o presidente da CBF, José Maria Marin, dispensou Felipão e, por tabela, Maria Regina Brandão também.

Para o jornalista Cosme Rimoli, do site R7, na conferência de dispensa do treinador Felipão, os apontamentos feitos pelo presidente da CBF deram a entender que a psicóloga também acabou sendo culpada pelo fracasso da seleção.

Só que: justo, ou não, José Maria Marin já decidiu. Regina Brandão caiu de vez com Felipão. Não trabalhará mais na Seleção Brasileira. Neste rio de lágrimas que foi a perda da Copa, sobrou para a psicóloga também... (R7, 2014, s/p)

Enriquecendo esta narrativa, buscou-se um interlocutor de destaque, capaz de vivenciar, compreender e discutir sobre este cenário. Neste contexto, Tostão cumpre papel de fundamental importância na interlocução com os indícios que serão

apresentadas. O ex-jogador e estimado grande meia e atacante é considerado um dos maiores craques e gênios do futebol brasileiro, também consagrado nacional e internacionalmente e vencedor da Copa do Mundo de 1970. Fora das quatro linhas Tostão também é craque, concluiu faculdade de medicina e possui formação em psicanálise, porém atua como comentarista e é considerado um dos melhores cronistas esportivos brasileiros atualmente.

Ao indagar a questão do trabalho psicológico no futebol, Tostão (1997) discorre sobre a importância do treinador e sua formação, porém comenta sobre o preconceito existente, em meados dos anos 90, quanto ao trabalho psicológico no futebol.

Infelizmente, por preconceito e falta de informação, os clubes não utilizam o psicólogo, mas alguns técnicos conseguem ajudar os jogadores com um trabalho eficiente. Esse trabalho deve começar nas categorias de base. Jogador de futebol não é só músculos, tendões, cartilagens, ossos, etc; jogador também tem alma. (TOSTÃO, 1997, p. 111)

Para Tostão era notório o preconceito e ignorância quanto à presença de psicólogos em clubes de futebol brasileiro no ano de 1997. Porém, Kfourri (2014b) traz curiosa lembrança, da presença de um psicólogo junto à seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1958.

Outro interlocutor de destaque utilizado neste trabalho é Juca Kfourri, formado em ciências sociais, jornalista crítico e detentor de grande reconhecimento no cenário esportivo e futebolístico. Kfourri (2014b) um dia antes da partida da seleção brasileira contra a seleção colombiana pelas quartas de final da Copa apresenta em sua coluna fatos ocorridos sobre a relação entre a psicologia do esporte e a seleção brasileira de futebol, como por exemplo:

EM 1958 a seleção brasileira já usava a psicologia para tentar ganhar uma Copa do Mundo. Ficou famoso o Dr. João Carvalhaes, psicólogo da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos) paulistana, contratado para acompanhar os jogadores e aplicar neles o famoso teste de Rorschach, aquele que é chamado de "teste do borrão de tinta" ou "das manchas". Pois bem. Não só Pelé foi reprovado como Mané Garrincha tangenciou a debilidade mental. Nenhum deles seria contratado para ser motorista dos ônibus da CMTC, e principalmente o ponta direita não era visto como alguém

em condições de disputar uma Copa do Mundo. (KFOURI, 2014b, s/p)

Neste cenário apresentado pelo cronista, em que se apresenta o caráter paradoxal da presença do psicólogo Carvalhaes entre os membros da comissão técnica e atletas, sendo campeão da Copa de 58. Porém, de acordo com o teste utilizado Pelé e Garrincha estariam fora da disputa da Copa do Mundo de 1958. Entretanto, durante a competição de 1958 na Suécia, Pelé e Garrincha despontaram como grandes craques do futebol de todos os tempos e foram responsáveis por levar a seleção brasileira à conquista do título.

Desta maneira, cabe questionar a atuação do psicólogo durante aquela competição já que mesmo reprovados no teste psicológico Pelé e Garrincha jogaram a Copa de 58. Poderia este fato ser considerado um dos motivadores para o preconceito e falta de informação destacados acima por Tostão (1997)? Quase 50 anos se passaram até a Copa do Mundo de 2014, mas a psicologia do esporte ainda não conquistou sua vaga entre os titulares na comissão técnica brasileira, por quê?

Diante do depoimento apresentado por Tostão e frente à lembrança de Kfourri (2014b) podemos especular o quanto ainda temos que caminhar na direção de um trabalho de preparação psicológica adequado.

Com a realização da Copa do Mundo de 2014 marcada para ocorrer no Brasil, muitas questões vieram à tona e a conquista do torneio era apresentada praticamente como uma obrigação da seleção brasileira.

Frente à pressão exercida sobre os atletas e membros da comissão técnica, percebido na narrativa da psicóloga Regina Brandão durante o programa Roda Viva em momento posterior ao final do torneio, surgiram questionamentos sobre a necessidade e efetividade ou não da realização de uma preparação psicológica.

Surgia tudo o que você pode imaginar (Durante as conversas com os atletas). É um caldeirão de estresse que eu nunca tinha sentido. É como se você tivesse uma panela de pressão, vai colocando pressão lá dentro e a tampa não deixa sair o ar. Uma hora essa tampa explode. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Além deste cenário dramático apresentado posteriormente pela psicóloga já haviam indícios, até mesmo anteriores a Copa, que nos levam a suspeitar se os atletas da seleção brasileira viam como necessária a realização de uma preparação psicológica. Esta aceitação dos atletas estaria entre os objetivos estipulados na

realização prévia desta preparação. Não se viu ou ouviu dos atletas antes do início da competição que as questões emocionais deveriam ser trabalhadas, talvez por não querer transmitir uma possível fragilidade aos leitores e torcedores, talvez por não ter, à disposição, alguém contratado pela CBF para realizar este trabalho ou, até mesmo, por talvez não visualizar necessidade neste tipo de preparação.

Pouco se falou, comentou e indagou sobre o aspecto emocional em momento prévio a competição. Em uma destas escassas ocasiões Neymar foi indagado sobre a questão psicológica e a presença de um psicólogo.

Naquele momento, exatamente um mês antes do início da Copa do Mundo, Neymar, em bate papo realizado pelo Santander Brasil entre o atleta e internautas, disponível no site do Globoesporte (2014c), ao ser indagado sobre a pressão psicológica, respondeu:

Acho que não precisa de psicólogo. Não estamos doidos, é o nosso sonho disputar uma Copa em casa. Não tem que ficar nervoso e sentir pressão. Você tem que estar feliz. Acho que toda pressão e nervosismo sai de você quando está diante de um sonho.
(GLOBOESPORTE, 2014c, s/p)

Frente a este episódio, chama a atenção à opinião contrária do atleta sobre a necessidade do trabalho com psicólogos visando a preparação para o mundial, inclusive ao apresentar em sua fala que somente quem está doido é que precisa de psicólogo.

Esta fala do atleta torna-se ainda mais interessante ao ser relacionada com outra entrevista, agora da psicóloga, Regina Brandão, quando durante entrevista ao canal da CBF no YouTube, disponível no site do Globoesporte (2014b), relata como estaria sendo realizado o trabalho com os atletas:

A ideia é continuar o trabalho que a gente tem feito. É um trabalho que tem sido acompanhado no dia a dia. Falo com eles por WhatsApp, e-mail, então constantemente estou ligada neles.
(GLOBOESPORTE, 2014b, s/p)

Assim, ao apresentar estas entrevistas e notar a ausência de outros comentários de atletas sobre o aspecto psicológico antes do início da Copa, alguns pontos podem ser questionados.

Quais foram as reais condições de trabalho permitidas? Estas condições são suficientes para uma adequada preparação psicológica? Será que os atletas

confiavam no trabalho? Se estes não acreditavam no trabalho psicológico ele poderia atingir os objetivos esperados? Para que o atleta acatasse a realização do trabalho, ao menos à luz dos olhos dos torcedores e membros da imprensa, quais motivos e fatores foram fundamentais? Talvez motivações de outra ordem possam ter interferido – como questões financeiras, pressão de patrocinadores ou até mesmo da CBF (entidade máxima do futebol brasileiro)- sobre a opinião contrária do atleta?

Deste modo, cabe também levantar elementos presentes na fala da psicóloga. Como seria (segundo ela supostamente naquele momento foi) realizado este trabalho psicológico via redes sociais e email? Seria possível obter as informações necessárias para a realização de um bom trabalho? Foi mesmo diário este contato com os atletas? Ocorreram intervenções ou apenas conversas informais?

A partir destas indagações diversas questões soam como pertinentes e dão margem a possíveis suspeitas. Neste trabalho o foco principal não incide sobre a capacidade da psicóloga Regina Brandão enquanto profissional. Porém, sobretudo, quanto às reais condições de possibilidade de realização de um trabalho de preparação psicológica para uma competição da importância de uma copa do mundo de futebol.

Ao discutir este aspecto algumas indagações tornam-se ainda mais pertinentes, como por exemplo: houve uma preparação psicológica prévia para a Copa de 2014? Para os profissionais da Psicologia do Esporte estas condições foram adequadas e suficientes? Será que este suposto ao mesmo tempo, distanciamento e aproximação, vivenciado e cabível no mundo online, são capazes de fornecer as informações necessárias para a realização de um bom trabalho psicológico com atletas de futebol?

Esse questionamento é aparentemente respondido pela própria psicóloga Regina Brandão, quando, em entrevista concedida ao programa Roda Viva da TV Cultura após o término da Copa do Mundo, diz:

Foi suficiente? Digo pra você que não. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Em outro momento do programa, a psicóloga aponta como acredita que o trabalho deveria ser realizado:

Acho que nós poderíamos desenvolver várias coisas, mas essas coisas não são desenvolvidas ao longo de uma competição, elas são desenvolvidas antes né. [...] Então, assim, a gente tem que tomar um pouco de cuidado. Uma coisa é você poder fazer um trabalho bem a longo prazo que você vai trabalhando emocionalmente com os jogadores como a Alemanha faz aí já tem, sei lá, 10 anos de preparação psicológica. A nossa realidade é um pouco diferente né. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Após o término da competição, nesta mesma participação no programa Roda Viva, a psicóloga faz apontamentos interessantes sobre a realização do trabalho e sua opinião sobre este.

Como profissional da área, e responsável por diversos trabalhos com diferentes clubes e seleções de diversos países, Brandão compreende a necessidade da realização de um trabalho prévio e contínuo, não apenas durante a competição, porém, para a Copa do Mundo de 2014 a realização de um trabalho prévio mais longo e consistente, apresentado como necessário por ela, aparentemente não foi possibilitado, seja pelo treinador ou pela CBF.

A presença de Regina Brandão junto aos atletas só foi notada e comentada na mídia após a partida semifinal contra o Chile. Esta partida tinha caráter eliminatório, ou seja, era necessário que houvesse um vencedor. Em caso de empate no tempo normal, seria acrescida a prorrogação e se o empate persistisse ao final da prorrogação, a vaga seria decidida nos pênaltis. Esta partida foi uma das mais dramáticas quanto ao aspecto emocional dos atletas. Durante a execução do hino nacional brasileiro, com o canto dos torcedores “à capela” diversos atletas se emocionaram, mais uma vez – como ocorrido em partidas anteriores, inclusive com alguns chegando a chorar.

No decorrer da partida a equipe se apresentou nervosa em campo, porém após o apito final do árbitro ao término da prorrogação a questão psicológica chamou ainda mais a atenção dos torcedores, espectadores e membros da imprensa. Entre diversos ocorridos, alguns foram mais evidentes: Júlio César chorando compulsivamente e Thiago Silva se distanciando do grupo, sentando sobre a bola e rezando, antes de pedir a Felipão que fosse o último a bater o pênalti, pois não estava confiante.

A partir deste contexto, a psicóloga aparece na mídia como chamada por Felipão para trabalhar diretamente com os atletas. Ao comentar sobre este evento Regina se manifesta em duas ocasiões, uma logo após a partida e ainda com a

competição ocorrendo e outra em momento posterior ao término da competição, no programa Roda Viva, porém apresenta posições distintas ao se referir a este episódio.

Em um primeiro momento, durante a competição, ao conceder entrevista ao canal da CBF no YouTube disponível no Globoesporte (2014b), Regina relatou que a visita já fazia parte do planejamento inicial.

A visita de hoje faz parte do nosso planejamento inicial. Estava ainda em aulas na universidade, então tinha que ficar indo e voltando. Não podia ficar aqui muito tempo, porque também tenho meu consultório. Entrei de férias na sexta feira e como já tínhamos planejado antes, estou aqui agora e volto na semana que vem. (GLOBOESPORTE, 2014b, s/p)

Por se tratar de uma entrevista ao canal oficial da CBF no decurso da disputa, pode-se compreender este posicionamento da psicóloga. Porém, alguns trechos de sua fala soam, no mínimo, muito curiosos.

O argumento de que ainda estava em aulas na universidade e também com compromissos em seu consultório é muito frágil. Cabe interrogar, em se tratando de uma preparação para a Copa do Mundo, se esta não deveria ser uma prioridade? Se ela realmente estava engajada em realizar um bom trabalho com o técnico e a seleção, não deveria ter deixado em segundo plano seus outros afazeres e dedicar-se integralmente à seleção brasileira?

Ao ser questionada sobre algumas destas questões no programa Roda Viva da TV Cultura realizado após o término da competição, Regina aponta que sua ida à Granja Comary, base e concentração da seleção brasileira, foi um pedido do treinador da seleção, como destacado abaixo:

O que aconteceu dali pra frente foi assim, as circunstâncias foram acontecendo e aí o Felipão me ligou e falou: “To precisando de você, você pode vim aqui conversar com os jogadores”. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Esta fala da psicóloga assinala um possível despreparo e desorganização quanto à realização do trabalho com os atletas, pois se este trabalho estava previsto, porque foi necessário um telefonema “emergencial” do treinador? Ou será que apenas após a partida contra o Chile a comissão técnica achou necessária a

intervenção da psicóloga? Após uma demonstração mais intensa da dificuldade dos jogadores em lidar com os estados emocionais não era tarde demais?

Ao levantar suspeitas quanto às diversas limitações do trabalho, atuação, presença e participação da psicóloga, outras indagações surgem. Não deveria a CBF disponibilizar um profissional da psicologia do esporte em período integral para os atletas e membros da comissão técnica? Mesmo sendo um trabalho aparentemente exclusivo com Felipão, a psicóloga não deveria fazer parte da comissão técnica, assim como o massagista, fisioterapeuta, médico, preparador físico, entre outros?

Estas indagações são reforçadas por Kfoury (2014b) quando, ao comentar sobre a fracassada tentativa da realização de um trabalho psicológico na Copa de 1958. Ao final de seu texto, relata sobre o trabalho de Regina Brandão realizado em 2014:

O episódio é aqui lembrado apenas para frisar os limites do trabalho da atual psicóloga da seleção, Regina Brandão. **Ela não é milagreira nem pronto socorro.** (KFOURI, 2014b, s/p, grifo nosso)

Neste contexto, outras inquietações são cabíveis, inclusive sobre a postura e considerações da CBF e seus membros acerca da necessidade da realização de um trabalho psicológico visando à disputa da Copa do Mundo no Brasil.

Nas falas e entrevistas concedidas por Felipão, técnico da seleção brasileira de futebol, e por Regina Brandão, psicóloga a serviço do treinador da equipe, estes passaram a apresentar que a psicóloga não tinha nenhum vínculo direto com a CBF, mas estava realizando o trabalho por aceitar um convite de Felipão.

Esta informação é reiterada diversas vezes em entrevistas da psicóloga e do treinador da seleção brasileira, em momentos prévios à competição, durante e após o torneio, como nas falas assinaladas abaixo.

Em participação no programa Roda Viva, que ocorreu após o término da vexaminosa participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2014, a psicóloga relata:

Mas tem que deixar claro que eu não fui e não sou contratada da CBF. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Em momento posterior, ainda no programa Roda Viva, quando indagada se era integrante da equipe, Regina afirma:

Não, não sou, na verdade o Felipão me convidou pra ir lá e me pediu se eu poderia fazer a avaliação dos jogadores e eu falei que sim. (RODA VIVA, 2014, s/p)

As falas da psicóloga direcionam para uma aparente relação exclusiva com o treinador da seleção brasileira, inclusive apresentando questionamentos sobre sua relação com os atletas e demais membros da comissão técnica, sua postura enquanto psicóloga particular do Felipão.

Ao apresentar essa questão do trabalho psicológico com atletas e treinadores, como referenciado em momento antecessor, Tostão (1997) discorre sobre a importância do treinador e sua formação, sinalizando para o preconceito existente, em meados dos anos 90, quanto ao trabalho psicológico no futebol.

Em meio ao contexto assinalado acima, em 1997, Tostão advertia para a necessidade da realização de um trabalho psicológico com os atletas de futebol, fato este evidenciado durante o trabalho e presente nas falas da psicóloga Regina Brandão.

Quando Tostão (1997, p. 110) escreve a crônica “O poderoso técnico – Jogador também tem alma”, o grande ex-jogador, comentarista e cronista esportivo, relata “Os jogadores de futebol também precisam de ajuda psicológica” e mais adiante aponta:

Na minha opinião, alguns jogadores precisam de algo mais, uma assistência psicológica individual a curto, médio e longo prazo. Eles são submetidos a um grande estresse pela pressão da torcida, a necessidade de vencer, e isso produz ansiedade, depressão, diminuição da auto-estima, medo do fracasso, etc. (TOSTÃO, 1997, p. 111)

Ao relacionar este posicionamento de Tostão e *linkar* com os apontamentos feitos durante o trabalho, sugere certo descaso em relação à realização de um trabalho psicológico pela entidade máxima do futebol brasileiro que, além de não realizar este trabalho nas categorias de base, foi recorrente na não efetivação deste de forma contínua, ou ao menos, realizado com antecedência de modo a possibilitar aos atletas maior controle sobre seus estados emocionais.

Ao comentar sobre a relação entre Regina Brandão, Felipão e a CBF, recorreremos a uma matéria de 2002, na qual Regina em entrevista ao portal Terra Esportes TV, em momento antecessor ao início da Copa de 2002, apontou:

Existia um programa inicial, que dependia das condições da CBF. Alguns casos anteriores estavam dificultando e até por isso, hoje a gente não conseguiu começar esse trabalho. (TERRA, 2002, s/p)

Ao referenciar o trabalho da psicóloga com o treinador brasileiro em 2002 torna-se interessante compreender como o trabalho foi realizado, ainda mais ao saber que em 2014 a intenção inicial era de se desenvolver trabalho semelhante ao anterior devido ao sucesso e conquista do título naquela Copa. Sobre esse assunto, ainda no final de 2013 em Uol (2013), Felipão comentou:

A Regina Brandão fará os exames psicológicos, vai traçar o perfil de cada um dos selecionados. Com o conhecimento de cada indivíduo, queremos errar o menos possível. As informações darão a idéia de como conversar com cada um, como o grupo precisa ser monitorado e cobrado. (UOL, 2013, s/p)

Na fala de Felipão evidencia-se a realização de um trabalho com ele e não com os atletas, onde a psicóloga aplicaria o teste e passaria as informações ao técnico para que ele tomasse as atitudes e providências. Frente a este posicionamento, questiona-se a eficiência deste método selecionado e a possibilidade da reprodução dele após 12 anos, em outro contexto e com atletas diferentes.

Este fato torna-se ainda mais fundamental ao atentarmos às palavras de Regina Brandão, em entrevista cedida ao jornal *New York Times* no mês de dezembro de 2013, ainda antes do sorteio dos grupos da Copa do Mundo, quando a psicóloga da seleção diz:

Os jogadores brasileiros muitas vezes têm percepção diferente da de outros jogadores quanto a situações semelhantes. (FOLHA NA COPA, 2014, s/p)

Essa característica apontada por Brandão é destacada por Wisnik (2014a) em sua crônica, onde compara o equilíbrio emocional dos brasileiros com os argentinos. Para engrandecer este trabalho, toma-se como outro interlocutor de destaque José Miguel Wisnik, músico, compositor e ensaísta brasileiro, professor universitário e escritor e, acima de tudo, um grande apaixonado por futebol, que relata:

Não sei se caímos ou cairemos na euforia ou na depressão, inclusive porque passamos muito facilmente, como coletividade, do ânimo positivo para o negativo, e vice versa. Somos muito diferentes, nisso,

dos vizinhos hispânicos que atualmente nos cercam, e que temperam as suas propensões maníacas e depressivas com uma obstinação torcedora a toda prova. (WISNIK, 2014^a, s/p)

Essa dificuldade em “temperar as emoções” apontadas por Wisnik (2014a) é, segundo a psicóloga Regina Brandão, uma questão cultural, uma característica dos atletas brasileiros da seleção:

É uma questão verdadeiramente cultural, a forma pela qual se comportam e as diferenças entre seu comportamento e o de jogadores de outros países. Eles são muito mais intensos que os jogadores de outros países, para o bem e para o mal. Administrar as emoções é essencial para Scolari. (FOLHA NA COPA, 2014, s/p)

Mais uma vez, Wisnik (2014a) corrobora com as afirmações de Regina Brandão quando, em momento antecessor a partida válida pelas oitavas de final da Copa do Mundo, entre Brasil e Colômbia, Wisnik escreve uma crônica e retrata a instabilidade psicológica da equipe, de seus torcedores e do país de um modo geral.

A única coisa que sei é que o Brasil infla e desinfla como um balão, conforme os resultados da seleção. Pois o país é uma droga, que vive a si mesmo como um veneno remédio, um fármaco que salva e mata, mata e salva. (WISNIK, 2014a, s/p)

Frente a esta característica dos atletas, já conhecida e destrinchada, somada a inclusão de diversos fatores importantes devido ao fato da Copa do Mundo ser realizada no Brasil, que influiriam nos estados emocionais dos atletas, a realização de um trabalho psicológico de modo adequado apresentava-se como importante, porém, esta preocupação aparentemente concentrava-se apenas na figura do treinador, Felipão.

Deste modo, a partir da narrativa da psicóloga, a CBF fica exposta em posição questionável ao ser destacada entre os demais responsáveis pela organização e planejamento da seleção. Se em 2002 a entidade aparentemente demonstrou dificuldades para aceitar e permitir a realização de um trabalho de preparação psicológica e, no decorrer dos 12 anos seguintes, não apresentou posicionamento favorável e efetivo sobre o assunto, seria para a Copa de 2014 que isto mudaria?

De qualquer maneira, ao final da competição, a CBF decidiu dispensar Felipão e os membros da comissão técnica, inclusive com Marin, presidente da

entidade, estendendo esta decisão à psicóloga do treinador, Regina Brandão, a qual não tinha qualquer vínculo com a entidade, como apontado em notícia do R7:

Regina Brandão caiu de vez com Felipão. [...] Neste rio de lágrimas que foi a perda da Copa, sobrou para a psicóloga também... (R7, 2014, s/p)

Desta maneira, tornam-se oportunas as indagações quanto ao modo como foi realizado o trabalho e a eficiência deste, porém questiona-se também o trabalho, organização e planejamento da CBF, principalmente quanto aos profissionais disponibilizados para trabalhar com a comissão técnica, atletas e a ausência de um psicólogo entre estes.

Kfoury (2014a) em período antecessor a partida válida pelas quartas de final da Copa do Mundo contra a seleção da Colômbia, comenta sobre alguns fatores psicológicos, demonstrando ser notória essa possível influência do desequilíbrio emocional no desempenho da seleção brasileira, e aponta:

DE REPENTE, o que era óbvio se tornou urgente: a imaturidade da seleção brasileira transformou a euforia da Copa das Confederações em medo na Copa do Mundo. Medo que paralisa, que faz a pernas pesarem, tremerem, que faz tropeçar na bola, fugir dela ou mandá-la para bem longe. Daí a necessidade de mudar o discurso, procurar outro caminho para atingir o objetivo. Jogar sem medo de ser feliz significa tirar o peso do receio, trocar o temor pela alegria da conquista da taça. (KFOURI, 2014a, s/p)

Durante o torneio, atletas e membros da comissão técnica, negaram que a equipe estava abalada emocionalmente, porém diversos foram os momentos que demonstraram certo desequilíbrio durante o torneio.

Um deles foi representado pelo choro dos atletas durante a execução do hino nacional, fato este ocorrido na estreia da seleção na competição e recorrente na maioria das partidas disputadas. Sobre esse episódio, Júlio César disse ao final da partida de estreia da seleção contra a Croácia, que terminou 3 x 1 para o Brasil:

Foi uma coisa incrível. Eu, sinceramente, tenho que ser honesto, vi isso na Copa das Confederações, mas antes não via isso, principalmente quando jogava no Brasil. Mas acho que a Copa das Confederações mostrou uma reaproximação com o torcedor. A reação ao hino é uma coisa muito bonita. (UOL, 2014a, s/p).

Já Neymar, ao comentar sobre o episódio do choro em sua conta no Facebook, após a partida contra o México, que terminou empatada em 0 a 0 relatou:

Apesar do empate, vivi hoje uma das maiores emoções da minha vida. (Neymar, 2014, s/p)

O lateral direito da seleção, Daniel Alves, foi mais incisivo, durante entrevista coletiva, disponível no portal Exame, ou seja, rebateu críticas aos companheiros de equipe que se emocionaram durante a execução do hino e disse:

Só quem vive e sente isso pode explicar esse momento. É emocionante, digno de parabenizar as pessoas que sentem. O cara está indo competir, não está fraco porque chora, está emocionado, chorando diante de milhões de pessoas. Isso é para ver o que sentimos ao disputar uma competição como essa, nosso prazer de viver esse momento. Falam que homem chora de fraqueza, mas é de emoção do ser humano, não pode controlar uma emoção. Incontrolável, morreu ali, bola rolou e vamos competir. (DANIEL ALVES, 2014, s/p)

Outro momento emblemático que remeteu a esse possível desequilíbrio emocional dos atletas brasileiros foi o choro do goleiro Júlio César antes da decisão por pênaltis, pela semifinal, contra o Chile. Sobre este episódio, após o término da partida com vitória do Brasil nos pênaltis, o próprio goleiro explicou ao portal Terra Esportes:

O choro é fácil falar. Nunca escondi que sou emotivo o choro porque individualmente jogadores chegaram para mim e falaram coisas muito bonitas. Eu sabia que tinha de estar focado naquele momento que decidiria nosso momento na Copa. Agradeço a cada um deles. Depois, nas penalidades, foquei e me concentrei bastante para fazer o meu trabalho da melhor maneira possível. (TERRA ESPORTES, 2014,s/p)

Mais um momento que chamou a atenção foi à decisão do zagueiro, e capitão da seleção, Thiago Silva de não querer cobrar o pênalti e se isolar do grupo, momento explicado pelo atleta em sua conta do Instagram e em entrevista a agência *Reuters*, respectivamente:

As pessoas julgam sem saber o que está acontecendo!! Para quem falou que eu estava derrotado nesta foto aí, sentado na bola, estava muito enganado!! Sou brasileiro e não desisto nunca... apenas queria um momento meu para fazer minha oração!!

Bater pênalti é uma grande responsabilidade em casa e pedi a Deus para não chegar a minha cobrança. Errei dois dos três últimos e o

Felipão me perguntou: 'Você pode ser o sexto?' Eu disse que não. Pedi para ficar como último da lista atrás até do Júlio César. Não estava confiante. (THIAGO SILVA_33, 2014, s/p)

Frente a estes momentos a psicóloga reiterava que os atletas não estavam desequilibrados emocionalmente, mas que isto era parte do contexto esportivo e, é claro, do futebol; fato este que não poderia ser elencado como negativo desde que os atletas conseguissem controlar os estados emocionais durante as partidas, caso este apontado por Daniel Alves e Júlio César em suas falas e comentado pela psicóloga durante o programa Roda Viva:

Que o jogador brasileiro é mais emocional isso nós sabemos que é. Então o problema não é a emoção em si, é o que fazer com essa emoção e até que ponto ela pode refletir no desempenho dele no jogo. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Perante as falas dos atletas e da psicóloga evidencia-se que ambos tinham conhecimento sobre a necessidade do controle dos estados emocionais, que estes podem aparecer, mas precisam ser manejados para não influenciar negativamente no rendimento. Neste momento, questiona-se então o modo como o trabalho psicológico foi desenvolvido que não possibilitou aos atletas esse controle.

Ao deparar-se com estas indagações algo parece tomar posição de destaque, a questão do aparente ressurgimento e recorrência da influência negativa dos estados emocionais sobre o rendimento dos atletas brasileiros, fato este já destacado por João Saldanha durante a Copa de 1982, por exemplo.

Ao trazer outro importante interlocutor, João Saldanha, ex-jogador e treinador, considerado um dos melhores jornalistas que o Brasil já produziu e um exímio cronista esportivo, torna-se imprescindível apresentar o contexto no qual o cronista estava inserido.

A Copa do Mundo de 1982 é marcante para os amantes do futebol, pois o Brasil era tido como o grande favorito à conquista do título, com um elenco repleto de grandes jogadores como Éder, Falcão, Júnior, Paulo Isidoro, Reinaldo, Sócrates e Zico e praticantes do futebol-arte. Apesar de algumas más atuações durante a competição, a seleção “canarinho” chegou badalada à semifinal precisando apenas de um empate contra a fraca seleção da Itália, mas acabou sendo derrotado.

Durante a Copa de 1982, João Saldanha, que presenciou, cobriu e comentou as partidas do Brasil, apontava após a partida contra a União Soviética em sua crônica do dia 16/06/82 intitulada “O time estava muito nervoso”:

Entretanto, embora estivéssemos com um posicionamento defensivo quase perfeito, algo nos assustou. [...] Mas o que foi então que teria nos assustado? Simples, muito simples, a resposta: o intenso nervosismo dos nossos jogadores. Digo sem medo de errar que todos estavam com os nervos à flor da pele. (SALDANHA, 2002, p.94)

Através das falas da psicóloga da seleção de 2014 e do cronista em 1982 é perceptível a importância dada ao aspecto emocional da seleção brasileira, assim como, é aceitável o nervosismo e a exposição dos estados emocionais, porém, como afirmado por Regina Brandão, desde que os atletas consigam manter o controle e não deixar que o aspecto emocional influencie negativamente o desempenho dos atletas durante a partida.

Apesar do questionamento quanto a boas apresentações e resultados expressivos, a partida Brasil 4 x 1 Camarões trouxe certa empolgação para torcedores e membros da imprensa, porém o nervosismo frente a partida válida pelas oitavas de final contra o Chile era notório, e isso foi evidenciado durante a decisão por pênaltis, destacadas no choro do goleiro Júlio César e na postura do zagueiro e capitão da seleção, Thiago Silva de não querer cobrar o pênalti e se isolar do grupo.

Ao retratar a atuação da seleção brasileira na Copa de 82, Saldanha apontava que mesmo após uma vitória inquestionável, e fácil, por 4 a 0 frente a seleção da Nova Zelândia: “Entretanto, curioso, ainda temos gente com certo nervosismo.”

Este fato, assim como os ocorridos com os atletas da seleção brasileira em 2014, ressalta a questão emocional e demonstra que os atletas brasileiros, até mesmo após resultados positivos, aparentam certa dificuldade em lidar e manter o equilíbrio emocional, questão essa levantada e apresentada pela psicóloga da seleção brasileira antes mesmo do início da Copa do Mundo.

Apesar dos fatos do choro de atletas e alguns outros momentos de indagação quanto ao aspecto emocional à competição fluía, a seleção brasileira ia passando pelos adversários e o clima de otimismo de torcedores e membros da imprensa ia

umentando, ainda mais ao ver que algumas seleções consideradas fortes não estavam apresentando o futebol esperado.

Essa falsa ilusão de favoritismo pautado nas más atuações das outras seleções consideradas fortes não é algo característico apenas da atualidade, este quadro apresenta reincidência, destacada inclusive nas crônicas de Saldanha em referência a Copa do Mundo de 82.

Em sua crônica intitulada “Baixo nível”, publicada em 18/06/1982 João Saldanha apresentava motivos parecidos com os destacados pela mídia durante a Copa de 2014, para se acreditar em um bom resultado da seleção brasileira:

Os resultados dos jogos e atuações decepcionantes de algumas equipes importantes [...] começam a aumentar o já bastante grande otimismo brasileiro. Se nosso time não foi tão brilhante, apresentamos um dos mais aplaudidos jogos até agora disputados. Em verdade, nosso favoritismo aumentou. (SALDANHA, 2002, p. 96)

A relação do aumento do favoritismo da seleção baseada nas más atuações das equipes adversárias pontua uma comparação não necessariamente verdadeira e correta.

Ao analisar o posicionamento de Saldanha sobre o favoritismo da seleção nos deparamos com o fato da seleção brasileira ter uma de suas partidas como uma das mais aplaudidas da competição. Frente ao contexto da Copa de 2014 não seria coerente falar que a seleção brasileira teria um dos jogos mais aplaudidos, pois com a Copa sendo realizada no Brasil era de se esperar que a torcida fosse favorável à seleção “canarinho”, porém se faz interessante o questionamento de que a imprensa acreditava no favoritismo da seleção brasileira, apesar de atuações não tão convincentes da equipe comandada por Felipão, com desempenho abaixo do esperado de algumas outras seleções.

Frente ao cenário exposto algumas indagações tornam-se cabíveis e necessárias. Se esta recorrência do apontamento da seleção brasileira como grande favorita apresenta traços repetitivos de influência negativa no rendimento da equipe, por que nada foi feito para a Copa de 2014? Sem muito esforço, além da Copa de 1982 e a de 2014, pode-se lembrar da Copa de 1950, realizada no Brasil, e do fracasso frente à seleção do Uruguai em episódio que ficou mundialmente reconhecido como Maracanazo. Será que a CBF não se conscientizou ainda desta

recorrência ou não acreditou que o trabalho psicológico era necessário para auxiliar os atletas a controlar seus estados emocionais?

Após este denso contexto apresentado, aparente recorrência de alguns acontecimentos e questionamentos, torna-se evidente a grande probabilidade de um fracasso anunciado na Copa de 2014, fato este legitimado na tarde do dia 08 de Julho de 2014, no estádio Mineirão em Belo Horizonte - MG, quando a equipe comandada por Felipão perdeu por 7 a 1 para a Alemanha, configurando a maior derrota da história da seleção brasileira em Copas do Mundo.

Após a partida fatídica contra a seleção da Alemanha, que terminou com o placar surpreendente de 7 a 1 para os alemães, jogo marcado por momento de “pane” do conjunto brasileiro que levou 4 gols em 7 minutos, a questão estados emocionais volta, novamente, a ser destaque.

Frente a este cenário, outra vez Regina Brandão foi indagada e questionada durante sua aparição no programa Roda Viva, e apontou:

Não vou dizer que faltava futebol, porque não é minha área. Trabalho no esporte há 30 anos e, em termos de grupo, foi o melhor que já avaliei psicologicamente falando. Individualmente eles tinham um perfil extraordinário. O grupo não conseguiu ter resultado no momento de máxima tensão, o coletivo não conseguiu transformar aquela qualidade individual, na hora do vamos ver, em desempenho. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Em sua fala Regina assinala como possível fator do péssimo rendimento o fato dos atletas terem sucumbido frente ao momento de máxima tensão. Com este apontamento questiona-se novamente qual a eficiência do trabalho realizado com Felipão visando um trabalho psicológico com a seleção? Seria este o método mais indicado? Estaria a CBF consciente da consequência desastrosa que poderia provocar este ato de permitir apenas o trabalho psicológico com o treinador e do modo como foi realizado?

Ainda nesta partida, outro fato que chamou muita atenção foi o desempenho do zagueiro da seleção brasileira, David Luiz. Após a seleção alemã marcar o seu segundo gol o zagueiro se desestabilizou e abandonou seu posicionamento, passando a tentar resolver de qualquer maneira e sozinho o momento difícil que a equipe passava. Quando indagada sobre a atuação de David, Regina comenta:

Foi coisa do momento e vou ter que falar, todo mundo entrou em pânico, e quando entra em pânico você não pensa. A sensação do

David nesse jogo, como no próximo, foi tentar resolver por conta própria e perdeu o coletivo. Cada um tenta resolver por conta própria. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Nesta fala da psicóloga, ela aponta que o desequilíbrio emocional acabou por gerar o pânico e interferiu no rendimento deste e dos demais atletas, porém diversos outros fatores podem ter influenciado para que isso acontecesse inclusive, a falta de experiência que é apontada por Moraes (1990), De Rose Jr e Vasconcellos (1997) e Detanico e Santos (2005) como um dos fatores que podem auxiliar no maior controle sobre os estados emocionais.

Algo que fica claro, até mesmo por se tratar de momentos diferentes, mas do mesmo esporte, o futebol, e da seleção que representa o mesmo país, Brasil, é que aparentemente muitas coisas voltam a ocorrer.

Torna-se ainda mais emblemático o retorno das discussões e apontamentos acerca do despreparo emocional da seleção brasileira, sendo este um dos pontos mais simbólicos e notórios durante a Copa do Mundo de 2014.

Como disse João Saldanha “O erro não foi não ganhar. O erro foi o de ganhar antes.” Pode parecer “dejavú” ou até profecia, mas isso foi dito pelo grande cronista esportivo após a copa de 1982, fato que voltou a ocorrer na Copa do Mundo de 2014.

Frente ao contexto da Copa de 82 parecia impossível a seleção brasileira não ser campeã, assim como, aparentemente para os atletas, membros da comissão técnica e dirigentes da CBF em 2014 somente uma grande tragédia tiraria a taça das mãos da seleção “canarinho”.

Esta confiança extrema chama a atenção em fala de Felipão, durante evento quatro meses antes do início da Copa do Mundo, quando apontou e diversos sites e jornais, como o Galáticos Online, noticiaram sua convicção quanto à conquista do título na Copa do Mundo:

Estou cada dia mais convicto de que vamos ganhar a Copa. Como eu poderia passar para todo um país e uma população de que não acredito na minha Seleção, que não vejo os meus jogadores em condições. Sei que devemos respeitar os outros times, mas no geral somos melhores. (GALÁTICOS ONLINE, 2014, s/p)

A fala do treinador da seleção brasileira demonstra aparente confiança exacerbada, na possibilidade da seleção brasileira conquistar o título da Copa de 2014, porém reitera as indagações anteriormente feitas, sobre o resultado das

Copas de 1950 e 1982, onde a seleção “canarinho” apresentava-se como a principal candidata ao título.

Apesar da tentativa de passar uma visão otimista à população e demonstrar aos atletas sua confiança, o treinador da seleção também comete alguns equívocos além deste como, por exemplo, quando coloca demasiada preocupação em enfrentar a seleção chilena, fato este relatado pela psicóloga da Seleção brasileira durante entrevista ao programa Roda Viva:

O Felipão tinha preocupação há mais de um ano com o Chile, talvez isso tenha sido um pouco demais, no sentido que ele colocou muita pressão nos jogadores. E ele reconhece isso, reconheceu para mim. Foi muito interessante o trabalho pós-jogo do Chile, talvez tenha sido o trabalho mais importante ali que eu tenha participado. (RODA VIVA, 2014, s/p)

Em uma crônica publicada no dia 31/07/1982 intitulada “Seleção oba-oba”, obra esta divulgada após o final da Copa do Mundo de 1982, na qual a seleção brasileira era vista como a grande favorita ao título, mas acabou sendo eliminada pela seleção italiana, João Saldanha relatou:

[...] é um fiel retrato do futebol brasileiro que está tomando rumos de oba-oba. Já tivemos recentemente uma autêntica Seleção “oba-oba”. Músicas, fanfarras, filmes, fotos, *outdoors*, desfiles de tudo e um pequeno esquecimento: os outros também jogam futebol e sabem aproveitar nosso provincianismo, nosso deslumbramento. [...] Por cima de tudo, o tremendo “oba-oba” da Seleção com a televisão, o rádio, jornais e revistas “a mil por hora”. E depois tome explicação. (SALDANHA, 2002, p. 191)

As indagações do grande cronista brasileiro João Saldanha durante e após a Copa de 82 não nos permitem realizar uma comparação igualitária e simplista entre as Copas de 1982 e de 2014, possibilitando questionamentos e indagações frente às questões recorrentes e os erros repetitivos.

Não cabe afirmar que em 2014 a seleção brasileira era vista como a grande favorita devido ao selecionado de atletas superior ao de todos os adversários, porém, alguns fatores como a conquista do título da Copa das Confederações e o fato da Copa do Mundo ser realizada no Brasil simulavam para a mídia e até mesmo para o treinador da Seleção, a garantia da conquista do título da Copa de 2014.

Ao circunscrever as questões centrais deste capítulo, o aspecto psicológico e a necessidade da realização de um trabalho de preparação psicológica com a

seleção brasileira de futebol, nota-se certa recorrência deste tema, como apresentado durante a dissertação.

Esta temática ressurgue com frequência, como destacado neste capítulo, durante as participações da seleção brasileira de futebol em Copas do Mundo, de modo a valorizar a indagação central deste estudo: Porque o trabalho de preparação psicológica na seleção brasileira de futebol não é levado a sério e realizado de maneira adequada?

Seria injusto desmerecer as demais seleções que disputaram a Copa do Brasil, principalmente a Alemanha com seu jogo envolvente e coletivo e a Holanda com a individualidade e velocidade de seus atacantes, ambas que conseguiram vencer – e humilhar – a seleção “canarinho” em seu próprio domínio, porém estas derrotas só trouxeram à tona o despreparo da seleção brasileira, não apenas psicológico, para a competição.

Em sua crônica após a derrota para a Alemanha, Wisnik (2014b) aponta como uma catástrofe o resultado final da partida e evidencia que diversos foram os problemas que culminaram nos 7 a 1.

Catástrofe é o nome que podemos dar às proporções inusitadas desse acidente, mas também à espécie de precipitação estrutural que fez com que a falha no miolo da zaga, evidenciada no primeiro gol, desvelando surdamente que o time agora estava nu, sem meio-campo, sem ataque e com a defesa baleada, se transmitisse rapidamente do plano tático ao técnico e daí ao psicológico, engolfando tudo. (WISNIK, 2014b, s/p)

Ao retratar os diversos fatores que culminaram na derrota vexaminosa na semifinal da Copa do Mundo, Wisnik (2014b) aponta que o Brasil tinha diversos motivos para perder, inclusive para seus próprios fantasmas.

O tenso equilíbrio desses jogos é cruel e matador, o time da Alemanha tinha recursos de sobra para deitar e rolar sobre os vacilos em cascata do Brasil, que tinha motivos de sobra para perder, além disso, para os seus próprios fantasmas. (WISNIK, 2014b, s/p)

Para o autor, o principal destes fantasmas é a crença na volta de D. Sebastião, o Esperado.

O nome secreto do principal fantasma é D. Sebastião. [...] Como é sabido, o jovem rei português desapareceu no deserto africano em luta com os mouros, na Batalha de Alcácer Quibir, em 1578. Alimentados e realimentados por um messianismo de raiz, que os via desde sempre como predestinados, os portugueses passaram a

acreditar na volta redentora de D. Sebastião, ao longo dos séculos. Consta, no entanto, que na própria batalha fatídica a que se arremeteu, o rei foi tomado de uma estranha abulia que parecia impedi-lo de lutar. O sebastianismo é a crença na vinda daquele que se foi, o Esperado. De tanto ser o Esperado que nunca deixaria de ser, no passado e no futuro, D. Sebastião implodiu psicologicamente durante a batalha. (WISNIK, 2014b, s/p)

Em sua crônica, Wisnik (2014b) aponta que D. Sebastião implodiu psicologicamente e indaga, a partir de alguns momentos apresentados acima onde comenta sobre o desequilíbrio emocional da seleção brasileira, a possibilidade do ocorrido com D. Sebastião ter acontecido à seleção brasileira durante a Copa de 2014.

Segundo o autor, isto já ocorreu em algumas outras oportunidades como, por exemplo, em 1950 e 1998.

O futebol brasileiro já conheceu no mínimo três batalhas de Alcácer Quibir: a final da Copa de 1950, a final da Copa de 1998 e a semifinal da Copa de 2014. Mais do que um acidente ou uma coincidência, três casos já configuram uma estrutura. (WISNIK, 2014b, s/p)

A partir dos questionamentos, autores e discussões presentes neste trabalho torna-se cabível e oportuno acrescentar a Copa de 1982 nesta listagem previamente apresentada por Wisnik (2014b), que representam uma estrutura que se repete.

Para Wisnik (2014b) esse fantasma que assombra o futebol brasileiro está pautado em alguns fatores, como apresenta:

O sebastianismo doentio é a crença na volta da entidade Futebol Brasileiro, como se este estivesse sempre pronto a encarnar. Time de futebol nenhum está sempre pronto, quanto mais diante das dramáticas mudanças ocorridas na última década, sem trabalho, análise e atualização. Polarizado pelo passado e por um futuro de miragem, o presente contém o buraco negro em que colapsa inconscientemente a seleção, quando fracassa o seu papel messiânico. O placar de 7 x 1 acusa agora a falência dessa forma mental. É ela que sustenta o anacronismo das instituições esclerosadas, CBF, comissão técnica, oportunismos políticos de todos os lados, Rede Globo, euforia publicitária, mais aquela parte da torcida que só quer ser contemplada com o gozo. Tudo isso ainda é 1950, só que sem a mesma inocência trágica. As primeiras especulações sobre o novo técnico, fazendo girar o mesmo esquema, me dão náusea. Quem não entendeu o próprio fracasso não entende mais nada. (WISNIK, 2014b, s/p)

Nota-se ao final da crônica de Wisnik (2014b) que sua principal crítica estende-se a CBF, fato este presente também nas crônicas de Kfoury. Em seu texto

após a partida semifinal da competição, Kfourì (2014c) traz alguns questionamentos e apontamentos sobre a CBF, destacando a reforma realizada na Alemanha após 2006, algo da seleção brasileira em 2014.

Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que de lá ele não volte e que os que ficarem por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos como os alemães fizeram depois da Copa deles, em 2006, no saneamento das finanças dos clubes, na presença dos torcedores nos estádios, na execução do jogo limpo e bonito e na punição aos corruptos, porque corruptos também há por lá, mas punidos sempre que pegos como aconteceu com o presidente do Bayern Munique. (KFOURI, 2014c, s/p)

Em outra crônica após a partida contra a Alemanha, Kfourì (2014d) traz sob o título “As sete bofetadas” severas críticas à CBF.

A primeira bofetada foi dada no compadrio, na panelinha dos cartolas que há décadas chutam a meritocracia para escanteio. A segunda bofetada foi dada na arrogância dos que imaginam que o pentacampeonato ganho por Didi, Garrincha, Pelé, Romário e Rivaldo, apesar da cartolagem, é obra dela. A terceira bofetada foi dada nos que desprezam as conquistas da Ciência do Esporte e seguem com seus métodos empíricos infelicitando gerações de bons jogadores. A quarta bofetada foi dada ainda e também na CBF, que jamais teve uma política de verdadeiro investimento na formação de atletas. A quinta bofetada foi dada na corrupção que orienta 11 em cada 10 ações da cartolagem, seja nas construções de sedes, vendas de ingressos, transações de jogadores, contratos de patrocínios, etc. A sexta bofetada foi dada na carcomida política que aprisiona jogadores em campos de concentração e impede o seu convívio no dia a dia com as pessoas queridas, tratandooos como irresponsáveis, bem diferentemente do que se vê, por exemplo, entre os alemães e os holandeses. Por último, mas não a última bofetada, foi aplicada no exagero que transforma jogadores em popstars, algo que você não vê em craques como Messi, Robben, Schweinsteiger ou Pirlo, embora veja em Cristiano Ronaldo. A praga das celebridades trai os torcedores. (KFOURI, 2014d, s/p)

Duas semanas após o término da Copa do Mundo, Kfourì (2014e) levanta novas indagações e questionamentos quanto à postura, organização e modo de trabalho da CBF, indicando que isto teria influência direta no pífio resultado apresentado pela seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo.

Não sobrou pedra sobre pedra e logo mais até a argentária CBF descobrirá que sua festa está por um fio. Porque o banco não tem reservas à altura. Porque cerveja sem álcool é pior que 0 a 0 e ninguém mais acredita na cevada da Granja Comary. Porque, além

de o seguro ter morrido de velho, cada gol sofrido nas duas partidas finais da Copa do Mundo significarem apenas um automóvel a menos na congestionada estrada do futuro. (KFOURI, 2014e, s/p)

Ainda em seus apontamentos críticos em relação à CBF, Kfour (2014e) aponta:

Mexer no futebol brasileiro é tentar mudar a instituição mais resistente ao novo que temos no país, o que há de mais refratário a quaisquer novidades, dominado por gente que se contenta em raspar o tacho e nem liga se matar a galinha dos ovos de ouro. (KFOURI, 2014e, s/p)

Em sua última crônica referenciando a Copa do Mundo de 2014, Kfour (2014f) volta a criticar e questionar a estrutura que comanda o futebol brasileiro, ou seja, a CBF.

Pois saiba que só a malfadada superestrutura de poder que infelicitava nosso futebol há tanto tempo é capaz de produzir personagens tão medíocres, tão sem graça, dotados apenas daquela esperteza dos que nasceram voltados para o deslize, para levar vantagem em tudo – e tanto é verdade que levam, mesmo quando têm de sair correndo por pegos com a boca na botija. (KFOURI, 2014f, s/p)

Enquanto tal estrutura não se romper, virá um Felipão para ser campeão e outro para sofrer humilhação. Um Dunga para brigar com a sombra ou pregar paz e amor. Ou um Parreira para dar vinho ou vinagre. [...] As vitórias e as derrotas dependerão sempre de quem, de chuteiras, nos gramados, der o tom. (KFOURI, 2014f, s/p)

Ao questionar as atitudes dos membros e da CBF enquanto instituição, Kfour (2014f) chega a fazer um “trocadilho” quanto ao significado da sigla CBF:

Não só é inútil trocar o técnico do escrete como inútil é mudar o presidente da Casa Bandida do Futebol enquanto for a casa que joga de bandido contra o futebol. (KFOURI, 2014f, s/p)

Ao chamar a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de Casa Bandida do Futebol, responsável por jogar contra o futebol brasileiro, o autor aponta para aparente problema estrutural, muito maior que apenas o presidente da entidade, já envolvido neste *modus operandi*.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados, analisados e discutidos, suas interligações e questionamentos realizados face ao objetivo proposto, neste capítulo serão apresentadas algumas considerações.

Ao questionar as condições de possibilidade de um trabalho psicológico com a seleção brasileira, entendemos que a psicóloga Regina Brandão não pode ser considerada psicóloga da seleção, mas, quando muito, apenas do treinador. Em que pesem as precárias condições e o caráter de urgência de sua tentativa de intervenção.

Para a realização deste trabalho é notório que o fato de Regina ser amiga do treinador da seleção influenciou para sua participação. A psicóloga se expôs a muitos riscos ao acolher o pedido de seu amigo pessoal. Sobretudo, tendo em vista as precárias condições para assegurar a eficiência de um trabalho de preparação psicológica.

Outro ponto que merece ser ressaltado é que o planejamento do trabalho não foi bem realizado, a psicóloga não iria trabalhar com os atletas (como apontado no decorrer do trabalho) e foi chamada para tentar “controlar o incêndio”, ou seja, após a conscientização da comissão técnica frente à dificuldade dos atletas em controlarem os estados emocionais, Regina apareceu como a grande salvação, porém sem o tempo e espaço necessários para intervir.

É consenso entre os estudiosos da área da Psicologia do Esporte que um trabalho visando permitir aos atletas maior capacidade de controlar e manejar seus estados emocionais não é realizado do dia para a noite, menos ainda durante a competição. Este trabalho deveria ter sido previamente organizado e planejado, pois deveria ser compreendida a importância da realização deste trabalho para a disputa da Copa do Mundo de Futebol a ser realizada no Brasil, fato que não se concretizou.

Fica evidenciado durante o trabalho, a partir das falas dos atletas, membros da comissão técnica, da psicóloga e dos cronistas, que para os responsáveis pela organização e planejamento que visava a conquista do título mundial disputado no Brasil a preparação psicológica não era prioridade.

Ao trazer ícones da crônica esportiva brasileira para dialogar com o questionamento proposto no trabalho, torna-se ainda mais contundente a pertinência

das indagações e apontamentos sobre a necessidade da realização de um trabalho de preparação psicológica com atletas de alto nível. Principalmente se tratando da disputa de uma Copa do Mundo de futebol, competição esta, circunscrita em um contexto denso de muita cobrança advinda dos torcedores, da imprensa, patrocinadores e da própria comissão técnica e atletas.

Deste modo, torna-se inapropriado transferir toda a culpa para a psicóloga e a preparação psicológica da seleção, pois o trabalho sequer foi concebido como essencial pelos responsáveis pelo planejamento da equipe e caso o treinador da seleção Luiz Felipe Scolari (Felipão) não tivesse solicitado o auxílio e apoio da psicóloga Regina Brandão, a equipe sequer teria esta tentativa de trabalho emergencial.

Muitos culpavam o Felipão, outros o Fred, que foi entre os atletas o principal alvo da mídia e torcida durante o torneio, sobrando até para Regina Brandão, psicóloga que foi chamada pelo treinador para “apagar o fogo” e acabou se “queimando”, e não se esquecendo da CBF. Porém poucos apontaram que os reais e principais responsáveis pelas derrotas – que já estavam ocorrendo fora das quatro linhas – e terminaram por acontecer dentro de campo também foram ambos os envolvidos neste fracasso anunciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, S. E. A. Pesquisa e Análise Documental. In: **XVI Seminário de Práticas Docentes: competências docentes no século XXI**, 2008, Anápolis. Anais do XVI Seminário de Atualização de Práticas Docentes. Anápolis: Centro Universitário de Anápolis, 2008. p. 26-28.

AMARAL, A. Etnografia e pesquisa em cibercultura: possibilidades e limitações. **Revista da USP**, n. 86, jun/jul/ago, p. 122-135, 2010.

BATTISON, T. **Vença o estresse: o homem moderno**. São Paulo: Manole, 1998.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BOURG, J.F.; BOUGUET, J.J. **Economia do esporte**. Bauru: Edusc, 2005.

BRANDÃO, M.R.F; MACHADO, A. A. (orgs). **Coleção psicologia do esporte e do exercício: aspectos psicológicos do rendimento esportivo**. São Paulo: Atheneu, 2008.

BRANDÃO, M. R. F.; PIRES, D. A.; MARQUES, L. E. O estresse e a sua relação com o desempenho esportivo. In: BRANDÃO, M.R.F; MACHADO, A. A. (orgs). **Coleção psicologia do esporte e do exercício: aspectos psicológicos do rendimento esportivo**. São Paulo: Atheneu, p. 83-95, 2008.

BROCHADO, M.M.V. O medo no esporte. **Motriz**. Universidade Estadual Paulista, 2002. Disponível em: [HTTP://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Brochado.pdf](http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Brochado.pdf). Acesso em 05 jan. 2015 às 15:10.

BRUHNS, H.T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: Papyrus, 2001.

CARLETTI, J.A.O. **Estressores e a psiquiatria**. Jundiaí: ESEF, 1995.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAGAS, M.H. **Estresse**. Belo Horizonte: Gráfica Costa & Cupertino, 1996.

CRATTY, B. **Psicologia no Esporte**. São Paulo: Prentice-Hall do Brasil, 1984.

DE ROSE JR., D. O stress e suas implicações no desempenho esportivo. In: V.J. BARBANTI; A.C. AMADIO; J.O. BENTO; A.T. MARQUES (orgs.). **Esporte e atividade física: interação entre rendimento e saúde**. São Paulo: Manole, p. 97-113, 2002.

DE ROSE JR., D. Situações de jogo como fonte de "stress" em modalidades esportivas coletivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S.l.], v. 18, n. 4, p. 385-395, dez. 2004. ISSN 1981-4690. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16577/18290>>. Acesso em: 17 Dez. 2014. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1807-55092004000400007>.

DETANICO, D.; SANTOS, S. G. Variáveis influenciando e sendo influenciadas pela ansiedade-traço competitiva: um estudo com atletas judocas. **Educación Física y Deporte**, Buenos Aires, v. 10, n. 90, 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd90/judocas.htm>>. Acesso em 05 jan. 2015 às 13:10.

DIAS, C.; COUTO, O. F. As redes sociais na divulgação e Formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e Produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 631-648, set./dez., 2011.

DIGITAL INSIGHT. **Social Media 2014**. Disponível em <<http://blog.digitalinsights.in/socialmediausers2014statsnumbers/05205287.html>> acesso em 17 Dez. 2014 às 20:37.

ESCUDEIRO, de L. **Aqui estão as convocações finais das seleções para a Copa 2014**. Disponível em <<http://trivela.uol.com.br/convocacao-selecoes-copa-2014/>>, acessado em 3 jun. 2014 às 10:12.

FOLHA. **Thiago Silva pediu para não bater pênalti contra o Chile**. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/06/1478363thiagosilvadissequepediuparanaobaterpenalticontraochile.shtml>> Acesso em 09 jan 2015.

FOLHA NA COPA. **Psicóloga conta detalhes de trabalho com Felipão ao “NYT”**. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/12/1380135-psicologa-conta-detalhes-de-trabalho-com-felipao-ao-nyt.shtml>> Acesso em 09 jan 2015.

FONTANA, D. **Estresse**. São Paulo: Saraiva, 1994.

G1. **Dani Alves defende Fred e a emoção no hino: "Quem não chora, não mama"**. 2014. Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Dani_Alves_defende_Fred_e_a_emocao_no_hino_Quem_ao_chora_ao_mama&id=368983> Acesso em 09 jan 2015.

GALÁTICOS ONLINE. **FELIPÃO: “Estou cada dia mais convicto de que vamos ganhar a copa”**. 2014. Disponível em: <<http://www.galaticosonline.com/noticia/18/02/2014/41889-felipao%E2%80%9Cestou-cada-dia-mais-convicto-de-que-vamos-ganhar-a-copa%E2%80%9D.html>> Acesso em 09 jan 2015.

GASTALDO, É. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: Annablume; São Leopoldo-RS: Ed. Unisinos, 2002.

GASTALDO, É. **“O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369.

GLOBOESPORTE. **Felipão enaltece trabalho, grupo e só lamenta “pane nos seis minutos”**. 2014a. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/07/felipaosobrecampanhaotrabalhonaofoiruimfoiuma-derrotaruim.html>> Acesso em 09 jan 2015.

GLOBOESPORTE. **Psicóloga da Seleção revela "contato constante" com os jogadores**. 2014b. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/07/psicologa-da-selecao-revela-contato-constante-com-os-jogadores.html>> Acesso em 09 jan 2015.

GLOBOESPORTE. **Sem mágoa de Dunga, Neymar lembra 2010: "Eu não estava pronto"**. 2014c. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/05/neymar-nao-guarda-magoa-de-dunga-e-lembra-2010-eu-nao-estava-pronto.html>> Acesso em 09 jan 2015.

GLOBOESPORTE. **Thiago Silva, sobre isolamento antes dos pênaltis: "Minha oração"**. 2014d. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2014/06/thiagosilvaqueriaummomentomeuparafazerminha-oracao.html>> Acesso em 09 jan 2015.

GIMENEZ, G.A.A. **E o Brasil parou...2010**.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M.I.R. **Educação na cibercultura**. Curitiba: CRV, 2011.

HALL, J. **Bicho-papão não existe: ajudando seu filho a superar o medo**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

HELAL, R.; SOARES, A.J. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: **Anais XII COMPÓS - Associação dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**. Recife: UFPE, 2002., p 401-412.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectivas, 1980.

ISLER, G. L. **Atleta, como seus pais o motivaram para a prática esportiva: análise das histórias de vida**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP, 2003.

JOVEM PAN. **Neymar fala de choro durante hino: “uma das maiores emoções da vida”**. 2014. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/esportes/futebol/copa-do-mundo-2014/neymar-fala-de-choro-durante-hino-uma-das-maiores-emoco-es-da-vida.html>> Acesso em 09 jan 2015.

KENSKI, V.M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da educação**. São Paulo: Papirus, 2010.

KFOURI, J. **Mirar a glória**. 2014a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1479580-mirar-a-gloria.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KFOURI, J. **Limite da psicologia**. 2014b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1480228-limite-da-psicologia.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KFOURI, J. **O inferno de Dante**. 2014c. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1483169-o-inferno-de-dante.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KFOURI, J. **As sete bofetadas**. 2014d. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1483673-as-sete-bofetadas.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KFOURI, J. **Sinal vermelho**. 2014e. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1490315-sinal-vermelho.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KFOURI, J. **Talvez desenhado**. 2014f. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2014/07/1491774-talvezdesenhando.shtml>>. Acesso em: 09 jan 2015.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: A arma secreta dos profissionais de marketing. Como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. Mar/2010.

LA TAILLE, Y. **Vergonha, a ferida moral**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LAVOURA, T. N. **Medo no esporte: estados emocionais e rendimento esportivo**. Jundiaí – SP: Fontoura, 2008.

LAVOURA, T. N.; MELLO, C. C. C.; MACHADO, A. A. **Estados Emocionais na Prática Esportiva: Relações Entre Medo e Vergonha no Contexto Esportivo**. R. bras. Ci e Mov. 2007; 15(3): 79-77.

LIMA, M. A.; MARTINS, C. J.; CAPRARO, A. M. **Olimpíadas Modernas: a história de uma tradição inventada**. Goiás: Pensar a Prática, v. 12. n. 1, jan/abr, 2009.

LIPP, M. **Pesquisas sobre stress no Brasil: Saúde, ocupações e grupos de risco**. Campinas: Papirus, 1996.

LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p

MACHADO, A. A. **Interferências da torcida na agressividade e ansiedade de atletas adolescentes**. Tese (Livre docência UNESP) - UNESP, Rio Claro. 1998.

MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MACHADO, A. A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva escolar**. Dissertação (Mestrado), UNICAMP, Campinas. 1994.

MACHADO, A.A. **Psicologia do esporte**: temas emergentes 1. Jundiaí: Ápice, 1997.

MACHADO, A.A.; CAMPBELL, D. F. Psicologia do esporte, desenvolvimento humano e tecnologias: novos caminhos a trilhar. Em: MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte, desenvolvimento humano e tecnologias**: o que e como estudar. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014.

MACHADO, A. A; BRANDÃO, M.R.F. **Performance esportiva de adolescentes**: influências psicológicas externas. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, v.12 n.3, 2006.

MAGILL, R.A. Aprendizagem motora: conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

MANHÃES, E. **João sem medo**: Futebol arte e identidade. São Paulo: Pontes, 2004.

MARTINS, J.S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOIOLI, A. **A relação das novas mídias de comunicação e o esporte**: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade), UNESP, Rio Claro. 2013.

NARDONE, G. **Más allá del miedo**: superar rapidamente las fobias, las obsesiones y el pánico. Buenos Aires: Paidós, 2004.

NEVES, R. **O novo mundo digital: você já está nele**: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

NEYMAR JR. **Apesar do empate vivi hoje uma das maiores emoções da minha vida**. 2014. Disponível em: < <https://www.facebook.com/neymarjr> > Acesso em 09 jan 2015.

OLIVEIRA, V., **Ciência do basquetebol**: pedagogia e metodologia da iniciação à especialização. Londrina: Midiograf, 2004.

PRESOTO, D.; MACHADO, A. A. GOUVÊA, F. C. Esporte na perspectiva da teoria crítica. In: MACHADO, A. A. **Psicologia do Esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto rendimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 258-266.

R7. **Marin decide:** sobrou também para a psicóloga de Felipão. Regina Brandão não conseguiu controlar o rio de lágrimas, o desequilíbrio do time que garantia que seria campeão do Mundo. Ela não será chamada de volta para trabalhar na Seleção... 2014. Disponível em: <<http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/marin-decide-sobrou-tambem-para-a-psicologa-de-felipao-regina-brandao-nao-conseguiu-controlar-o-rio-de-lagrimas-o-desequilibrio-do-time-que-garantia-que-seria-campeao-do-mundo-ela-nao-sera-chamad-15072014/>> Acesso em 09 jan 2015.

REBUSTINI, F. **A vulnerabilidade no esporte e a exposição nas novas mídias:** um estudo sobre o Twitter. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias), UNESP, Rio Claro. 2012.

RECUERO, R. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **Ecompos**, Internet, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROFFÉ, M. **Psicología del jugador de fútbol:** con la cabeza hecha pelota. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1999.

RODA VIVA. **Regina Brandão.** 2014. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/transmissao/regina-brandao-3>> Acesso em 09 jan 2015.

SALDANHA, J. **O trauma da bola – A copa de 82 por João Saldanha.** São Paulo: Cozac & Naify, 2002.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas.** Barueri: Manole, 2009.

SANTANDER BRASIL. **Santander Brasil promove bate papo ao vivo de Neymar com internautas.** 2014. Disponível em: <<http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/home2/16-capa/41677-santander-brasil-promove-bate-papo-ao-vivo-de-neymar-com-internautas?tmpl=component>> Acesso em 09 jan 2015.

SANTIAGO, A. G.; GONZÁLEZ, M. Z. El Miedo a los Aprendizajes Motores: factores implicados. Lecturas: Educación Física y Deportes. **Revista Digital.** Buenos Aires, ano 8, n. 48, 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd48/miedo.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SPIELBERG, C. D. **Anxiety and behavior.** New York: Academic Press, 1966.

TERRA. **CBF deixa psicóloga de Felipão fora do Mundial 2002.** 2002. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/esportes/2002/04/05/089.htm>>. Acesso em: 09 jan 2015.

TERRA BRASIL. **Ficha técnica: Brasil 1 x 7 Alemanha.** 2014. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/fichatecnicabrasil1x7->

alemanha,aa1a68f542817410VgnCLD200000b1bf46d0RCRD.html> Acesso em 09 jan 2015.

TERRA ESPORTES. **Júlio César chora antes de pênaltis e se redime de 2010.** 2014. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/brasil/julio%20cesar%20chora%20antes%20de%20penaltis%20de%20se%20redime%20de%202010,5985a70d8c3e6410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 09 jan 2015.

THIAGOSILVA_33. **Instagram.** 2014. Disponível em: <<http://instagram.com/p/p1HS6tQ98b/?modal=true>>. Acesso em 09 jan 2015.

THOMAS, A. **Esporte: introdução à psicologia.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

TOSTÃO. **Derrota histórica.** 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2014/07/1483253-derrota-historica.shtml>>. Acesso em 09 jan 2015.

TOSTÃO. **Tostão: Lembranças, opiniões, reflexões sobre futebol.** DBA: São Paulo, 1997.

TUAN, Y. **Paisagens do medo.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

UCHA, F. E. G. Golf y psicología del deporte. In: ROFFÉ, M.; UCHA, F. E. G. (Ed.) **Alto rendimiento, psicología y deporte.** Buenos Aires: Lugar Editorial, 2008.

UOL. **Psicóloga fará perfil de jogadores para dosar cobrança de Felipão na Copa.** 2013. Disponível em < <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/11/psicologa-fara-perfil-de-jogadores-para-dosar-cobranca-de-felipao-na-copa.htm> > Acesso em 09 jan 2015.

UOL. **"Foi uma coisa incrível", diz Julio Cesar sobre choro durante o hino.** 2014a. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/12/foimacoisaincriveldizjuliocesarsobrechoroduranteohino.htm>>. Acesso em 09 jan 2015.

UOL. **Felipão assume culpa por derrota e diz que não mudou time devido a Pane.** 2014b. Disponível em: < <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/felipaoassumeculpa-pelagoleadaparaalemanha.htm> > Acesso em 09 jan 2015.

VISCOTT, D. S. **A linguagem dos sentimentos.** São Paulo: Summus, 1982.

WASELFISZ, J. **Lápis, borracha e teclado: tecnologia da informação na educação – Brasil e América Latina.** Brasília: RITLA/MEC, 2007.

WEINBERG, R.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 4. ed. 36 Porto Alegre: Artmed, 2008.

WISNIK, J.M. **O oráculo**. 2014a. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/o-oraculo-13139125>>. Acesso em:09 jan 2015.

WISNIK, J.M. **O exoesqueleto do hexa**. 2014b. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/o-exoesqueleto-do-hexa-13227964>>. Acesso em:09 jan 2015.

WOLTON, D. **Internet e depois**.Porto Alegre: Sulina, 2014.

APÊNDICE 1

juca kfourri

Mirar a glória

02/07/2014 02h00



DE REPENTE, o que era óbvio se tornou urgente: a imaturidade da seleção brasileira transformou a euforia da Copa das Confederações em medo na Copa do Mundo.

Medo que paralisa, que faz as pernas pesarem, tremerem, que faz tropeçar na bola, fugir dela ou mandá-la para bem longe.

Daí a necessidade de mudar o discurso, procurar outro caminho para atingir o objetivo.

Jogar sem medo de ser feliz significa tirar o peso do receio, trocar o temor pela alegria da conquista da taça.

A rota para o Santo Graal é tortuosa, movediça, repleta de barreiras, conhecidas e surpreendentes.

Quantos são os vilões na história do futebol brasileiro? Na verdade verdadeira só um, o goleiro Barbosa, e injustamente, assim como injusta é a lenda de que Bigode se acovardou perante Obdulio Varela.

Porque depois, por mais que houvesse quem tentasse fazer de Toninho Cerezo o culpado da derrota de 1982, não colou por muito tempo. Como não colou em Zico a de 1986 e aí por diante, embora Júlio César tenha padecido até o sábado passado o amargor da eliminação em 2010. Mas também já passou. Porque hoje em dia tudo passa, tudo é consumido muito rapidamente, o vilão de ontem é logo substituído pelo de hoje, que será trocado pelo de amanhã.

E o heróis? O que acontece com eles?

Estes ficam para sempre, como estão todos os que se destacaram nas cinco Copas vencidas, e enumerá-los aqui é impossível por falta de espaço.

Se os meninos da seleção forem convencidos disso, é bem possível que o quadro mude e que a alegria de jogar reapareça quando a Colômbia chegar.

Alguém precisa dizer para eles que quatro times campeões mundiais já foram

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2014/07/1479580-mirar-a-gloria.shtml>

APÊNDICE 2

colunistas

juca kfourri

Limite da psicologia

03/07/2014 02h00

Compartilhar 287 Tweetar 10 0  OUVIR O TEXTO  Mais opções

EM 1958 a seleção brasileira já usava a psicologia para tentar ganhar uma Copa do Mundo.

Ficou famoso o dr. João Carvalhaes, psicólogo da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos) paulistana, contratado para acompanhar os jogadores e aplicar neles o famoso teste de Rorschach, aquele que é chamado de "teste do borrão de tinta" ou "das manchas".

Pois bem. Não só Pelé foi reprovado como Mané Garrincha tangenciou a debilidade mental. Nenhum deles seria contratado para ser motorista dos ônibus da CMTC, e principalmente o ponta-direita não era visto como alguém em condições de disputar uma Copa do Mundo. Mané teria descrito uma das manchas como "a cabeça do doutor Paulo", o chefe da delegação nacional, Paulo Machado de Carvalho. Noutro teste, o de Quociente de Inteligência, Garrincha voltou a ir mal, ao desenhar um homem pequeno com um cabeção. Questionado sobre o desenho, disse que era "o Quarentinha, meu companheiro no Botafogo".

Para piorar, no penúltimo amistoso antes de o time chegar à Suécia, em Florença, contra a Fiorentina, Mané demorou para fazer um gol e temeu-se que ele, como já fizera e explicara que fizera no Botafogo, "estava apenas esperando que o goleiro abrisse as pernas". Resultado: foi barrado no amistoso seguinte contra a Inter de Milão e também da estreia da Copa, contra a Áustria, substituído por Joel, do Flamengo.

Ao entrar no terceiro jogo, contra o "futebol científico" da União Soviética, protagonizou, segundo a Fifa, os três minutos mais espetaculares da história das Copas.

Para alívio do treinador de então, Vicente Feola, que dizia que Garrincha "pensava com os pés".

O episódio é aqui lembrado apenas para frisar os limites do trabalho da atual psicóloga da seleção, Regina Brandão. Ela não é milagreira nem pronto-socorro

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2014/07/1480228-limite-da-psicologia.shtml>

APÊNDICE 3

O inferno de Dante

09/07/2014 02h00



Da estrela de David Luiz para o inferno de Dante, e de seus companheiros, foi um passo. Ou melhor, cinco. Cinco passos, cinco passes, cinco gols em menos de meia hora numa semifinal de Copa do Mundo em casa!

Entre tantas exclusividades que o futebol brasileiro amealhou em sua portentosa história, agora há mais uma, acachapante.

Claro que a culpa não foi de Dante, mas ele, na defesa vazada sete vezes, e Bernard, no atacante inoperante, foram as novidades de Felipão que agora apanhará feito boi ladrão porque resolveu atacar em vez de defender.

A vida é assim. Nós, brasileiros, que detestamos a prudência dos três volantes, regredimos tanto no futebol de fantasia que já foi jogado por aqui que invertemos as prioridades.

Se o cartola da CBF falou em ir para o inferno em caso de derrota, esperemos que de lá ele não volte e que os que ficarem por aqui entendam que a derrota tem de servir para fazer desta merecida lição a base para novos tempos como os alemães fizeram depois da Copa deles, em 2006, no saneamento das finanças dos clubes, na presença dos torcedores nos estádios, na execução do jogo limpo e bonito e na punição aos corruptos, porque corruptos também há por lá, mas punidos sempre que pegos como aconteceu com o presidente do Bayern Munique.

Os 5 a 0 do primeiro tempo, como uma homenagem aos pentacampeões, um gol para cada título, soaram tão espantosos que ensinaram que a humilhação dói menos que o golpe inesperado, como o de 1950, no Maracanã.

Convenhamos que, por mais que o futebol permita tudo, que piores ganhem de melhores e que a esperança é sempre a última que morre, se a frustração de 50 foi uma surpresa, a derrota de agora era meio que inevitável, embora não por 7 a 1, algo tão inverossímil que até parece mesmo conta de mentiroso.

Jamais havia visto um estado de tamanha perplexidade num estádio e não apenas entre os derrotados. Os vencedores também não esperavam tamanha facilidade, tanta que ficou constrangedor comemorar.

Castigo pior só o de ter de conviver com o Brasileirão daqui a uma semana se a lição que nossos treinadores tirem desta bela Copa de gols e goleiros seja a de jogar atrás para não tomar de sete, em vez de jogar na frente para fazer sete.

Que Dilma Rousseff, ao menos, comece desde já a reforma que prometeu ao Bom Senso FC, porque é evidente que trocar Marin por Del Nero não renova coisa alguma, como não renovará a mera troca de técnicos da seleção.

O resto, como diria Felipão, que vá para o inferno.

APÊNDICE 4

As sete bofetadas

10/07/2014 02h00



A primeira bofetada foi dada no compadrio, na panelinha dos cartolas que há décadas chutam a meritocracia para escanteio.

A segunda bofetada foi dada na arrogância dos que imaginam que o pentacampeonato ganho por Didi, Garrincha, Pelé, Romário e Rivaldo, apesar da cartolagem, é obra dela.

A terceira bofetada foi dada nos que desprezam as conquistas da Ciência do Esporte e seguem com seus métodos empíricos infelicitando gerações de bons jogadores.

A quarta bofetada foi dada ainda e também na CBF, que jamais teve uma política de verdadeiro investimento na formação de atletas.

A quinta bofetada foi dada na corrupção que orienta 11 em cada 10 ações da cartolagem, seja nas construções de sedes, vendas de ingressos, transações de jogadores, contratos de patrocínios etc.

A sexta bofetada foi dada na carcomida política que aprisiona jogadores em campos de concentração e impede o seu convívio no dia a dia com as pessoas queridas, tratando-os como irresponsáveis, bem diferentemente do que se vê, por exemplo, entre os alemães e os holandeses.

Por último, mas não a última bofetada, foi aplicada no exagero que transforma jogadores em popstars, algo que você não vê em craques como Messi, Robben, Schweinsteiger ou Pirlo, embora veja em Cristiano Ronaldo. A praga das celebridades trai os torcedores.

Sim, há muitas outras bofetadas a serem distribuídas tantos são os muito mais que sete pecados capitais da gestão criminosa de nosso futebol, como o calendário.

Por ora, fiquemos por aqui, porque o assunto renderá nos próximos dias, semanas e meses, talvez anos.

Diagnósticos não faltam e quem já estiver cansado de ler esta repetitiva coluna consulte a página do Bom Senso FC. Está tudo, ou quase tudo, lá.

Alemanha 7 a 1. Não esqueça.

APÊNDICE 5

colunistas

juca kfourri

Sinal vermelho

DE SÃO PAULO

24/07/2014 02h00

Compartilhar 516 Tweetar 33 8 [OUVIR O TEXTO](#) Mais opções

Passada a anestesia, aberta a ferida, o diagnóstico é certo e terrível: a luz que imaginávamos amarela era vermelha e vinha de um trem em alta velocidade, na contramão.

Velocidade ainda maior que a dos quatro gols da blitz alemã que nos mostrou um feio horizonte, pisoteado sem piedade pelos tamancos holandeses em seguida.

Não sobrou pedra sobre pedra e logo mais até a argentária CBF descobrirá que sua festa está por um fio. Porque o banco não tem reservas à altura. Porque cerveja sem álcool é pior que o a o e ninguém mais acredita na cevada da Granja Comary. Porque, além de o seguro ter morrido de velho, cada gol sofrido nas duas partidas finais da Copa do Mundo significarem apenas um automóvel a menos na congestionada estrada do futuro.

É possível até que a TV se dê conta de que já não vale tanto a pena investir na baixa qualidade deste futebol que trocou o hexa por sete palmas e apostou em Dunga –a volta do desafeto de quatro anos atrás em que se pode cuspir como se cuspiu em Felipão, que nem desafeto era.

Erramos todos ao notar que nosso campeonato nacional se nivelava cada vez mais por baixo, mas sem nos dar conta do que representava, por mais que um sete um parecesse loucura, além de estelionato.

O Campeonato Brasileiro é tão ruim como os cartolas, como os técnicos que não os enfrentam e os criticam só em off –até porque ganham muito mais do que merecem– e como os jogadores que se acomodam na mesmice, sem perceber que vão no embrulho.

O resultado de um futebol de quinta é o deserto nas arquibancadas.

Cadê coragem para mudar?

Fosse eu candidato à presidência da República (jamais serei, não se preocupe)

12/02/2015

Sinal vermelho - 24/07/2014 - Juca Kfoury - Colu

e diria desde já que em caso de vitória nomearia Paulo André como ministro do Esporte, para botar imediatamente em prática o ideário do Bom Senso FC e para quebrar a estrutura que redundava, inevitavelmente, nesta cartolagem reacionária, corrupta e corruptora, com as exceções de praxe.

Entre os dois candidatos com maiores chances, no entanto, o que vemos?

Se Dilma Rousseff acena forte e saudavelmente para o BSFC, nada indica que, se reeleita, tirará o esporte das mãos da vanguarda do atraso do PCdoB.

Já o candidato tucano não só é unha e carne com Ricardo Teixeira como fez questão de homenagear José Maria Marin com uma placa no novo Mineirão – mais do mesmo, portanto.

Nem Pep Guardiola seria solução se mera substituição, pensando só na próxima Copa do Mundo.

Mexer no futebol brasileiro é tentar mudar a instituição mais resistente ao novo que temos no país, o que há de mais refratário a quaisquer novidades, dominado por gente que se contenta em raspar o tacho e nem liga se matar a galinha dos ovos de ouro.

APÊNDICE 6

colunistas

juca kfourri

Talvez desenhando

DE SÃO PAULO

27/07/2014 02h00



TENTEMOS DESENHAR, mesmo que sem habilidade para tal e pela derradeira vez: o problema do futebol brasileiro NÃO É a seleção brasileira!

O problema da seleção brasileira NÃO É o seu técnico!

Que se danem, por ora, no entanto, tanto a seleção brasileira quanto o seu técnico.

Apenas guarde num canto da cabeça que se a seleção brasileira fosse o problema não teria vencido, apesar de tudo, cinco das 20 Copas do Mundo – mais que qualquer Alemanha, Itália ou Argentina da vida.

Parte do problema do futebol brasileiro está até em ser capaz de produzir seleções que ganham Copas –e enganam os incautos ou fornecem falsos argumentos como já ouvi de um grande empresário da nossa mídia: "Mas você não reconhece nem que o Ricardo Teixeira ganhou duas Copas?!", perguntou entre o provocador e o surpreso.

Ora, até as traves sabem que quem ganhou as duas Copas na escandalosa gestão Teixeira foram Romário, Dunga (sim, Dunga!), Rivaldo, Ronaldos, como foram Didi, Garrincha, Pelé, Tostão, Rivellino, Gérson, os que ganharam o tri na era não menos viciada de João Havelange.

Você, raro leitor, já conversou com José Maria Marin, com seu antecessor ou com seu sucessor?

Se não, já parou para prestar atenção numa entrevista, num pronunciamento deles?

Pois saiba que só a malfadada superestrutura de poder que infelicita nosso futebol há tanto tempo é capaz de produzir personagens tão medíocres, tão sem graça, dotados apenas daquela esperteza dos que nasceram voltados para o deslize, para levar vantagem em tudo –e tanto é verdade que levam, mesmo quando têm de sair correndo por pegos com a boca na botija.

12/02/2015

Talvez desenhando - 27/07/2014 - Juca Kfourri -

Enquanto tal estrutura não se romper, virá um Felipão para ser campeão e outro para sofrer humilhação. Um Dunga para brigar com a sombra ou pregar paz e amor. Ou um Parreira para dar vinho ou vinagre.

As vitórias e as derrotas dependerão sempre de quem, de chuteiras, nos gramados, der o tom.

Se for um Rivaldo, tudo bem. Se um for um Grafite, desculpe, o desenho ficará ruim.

É preciso implodir a CBF e isso só clubes, e jogadores, poderão fazer.

Clubes que têm a preferência no coração do torcedor (pergunte a amigos quem eles preferem campeões, se seus times ou a seleção), embora não tenham a repercussão da seleção, porque o segundo time de todos.

Não só é inútil trocar o técnico do escrete como inútil é mudar o presidente da Casa Bandida do Futebol enquanto for a casa que joga de bandido contra o futebol.

Coisa que seria muito bom também se os patrocinadores que agora se escondem em política de contenção danos, se dessem conta.

Assim como a Globo, por ela mesma e, principalmente, pelo futuro limpo de nosso futebol.

Desenhei?

APÊNDICE 7

05/07/2014 6:27

O oráculo

O que o Brasil vive, em todos os níveis, tem dores agônicas de um parto

Pensei em escrever meia coluna fingindo que a seleção brasileira ganhou da Colômbia, meia coluna fingindo que a seleção brasileira perdeu. Não sei qual seria a parte mais difícil de fingir. A única coisa que sei é que o Brasil infla e desinfla como um balão, conforme os resultados da seleção. Pois o país é uma droga, que vive a si mesmo como um veneno remédio, um fármaco que salva e mata, mata e salva. O jogo com o Chile nos deixou, a propósito, num transe agônico, que espera por um desenlace.

Estou pensando no duplo sentido da palavra agonia: a quase morte, mas também o sofrimento próprio do conflito, a condição inerente àquele que luta. Não sei se caímos ou cairemos na euforia ou na depressão, inclusive porque passamos muito facilmente, como coletividade, do ânimo positivo para o negativo, e vice-versa. Somos muito diferentes, nisso, dos vizinhos hispânicos que atualmente nos cercam, e que temperam as suas propensões maníacas e depressivas com uma obstinação torcedora a toda prova.

Eu deveria refletir maduramente sobre tudo isso, dizer como precisamos e devemos superar a gangorra imaginária

enfrentar o real. Mas não é nem o momento. Estou barrado pela expectativa, e me pergunto como estais agora, nesse sábado futuro, vós que torceis. E quanto a vós outros, espíritos críticos e militantes, colunas graves da opinião, peço que me deixeis para depois. Não tenho como analisar o acontecimento que me assombra. Nem afetar distância. A relação com o futebol é envolvida e infantil, no sentido de verdadeira. Não tenho a menor intenção de perder esse tesouro.

Não pensem, no entanto, que sou um torcedor desvairado, extrovertido. Vejo os jogos quase sozinho, como quem presta às partidas o tipo de atenção que se devota a um livro. O meu time pode perder o jogo, mas não admito perder nenhum detalhe dele. E atualmente numa atitude estoica, que se quer imperturbável, penso que estou pronto para aceitar o destino, as vitórias e as derrotas. É assim, infantil e sábio, que vou atravessando a Copa do Mundo, aos trancos e aos barrancos das emoções.

Também não me escoro na ilusão de um palpite. Não respondo quando me perguntam qual é o meu palpite para o jogo. Acho que não sou eu nem ninguém, mas o jogo que vai falar, ele que é o oráculo. E sinto a Copa do Mundo como o grande oráculo que fala a cada quatro anos. Ele está encarnando nos fatos o princípio abstrato de que ninguém é melhor do que ninguém. Costa Rica, Nigéria, México e Argélia que o digam. Só no fim, pelo domínio e o acaso de um detalhe, quando não pela centelha do gênio. E que tudo é melhor assim, mais vivo e em aberto, o tempo todo.

Que os Estados Unidos ensaiam entrar, através do *soccer*, no espírito do jogo do mundo, à revelia da direita (com uma surpreendente jogada ensaiada típica do futebol americano). Que de nada vale se defender sem se atirar, como nas aborrecidas Copas passadas, e que o gol,

jogando com as palavras, só vem de quem se jogou. Mas que no gol está o goleiro, se jogando e se atirando em defesas incríveis, com um protagonismo plural como o futebol não conhecia. Penso no ensaísta espanhol Vicente Verdú, que viu nos goleiros uma figura simbolicamente feminina, a da vestal que defende a virgindade de um arco, o que nos permite ver na sua atual emancipação, liberação e protagonismo em campo um insuspeitado eco metafórico ou metonímico da força da presença da mulher.

Na mesma segunda-feira em que o Brasil jogou contra o Chile vimos a Colômbia jogando com o Uruguai. Desfocando a vista para as mesmas camisas amarelas, dava para fantasiar que a Colômbia era uma espécie de Brasil de sonhos, com as mesmas características atávicas do drible e o toque de bola, mas com uma fluência mais leve e desencanaada. Por isso essa partida que não sei, a de amanhã que é ontem, acaba sendo um curioso enfrentamento enviesado do Brasil consigo mesmo, transformado em outro. E padecendo da falta de meio de campo: quer metáfora mais literal? O que o Brasil vive, em todos os níveis, tem dores agônicas de um parto, no qual uma derrota não deveria ser vista, no entanto, como um aborto.

Em tempo: um absurdo a Fifa inquisitorial tratar Luizito Suárez como um pária contagioso, a ser extirpado do mundo do futebol. Falando com Jorge Mautner: “os erros e os defeitos cotidianos fazem parte dos direitos humanos”.

APÊNDICE 8

12/07/2014 6:00

O exoesqueleto do Hexa

Quem não entendeu o próprio fracasso não entende mais nada

Um prédio com falhas estruturais pode parecer normal e vir abaixo em alguns minutos. Os pontos inequivocamente fortes do time do Brasil na Copa do Mundo, no que tinha de promissor e de periclitante, eram o seu atacante excepcional e uma excelente e entrosada dupla de zaga, estando esses três jogadores muito acima do rendimento dos demais. Para ligá-los faltava a espinha dorsal do meio de campo, suprida ou pelos lançamentos de Thiago Silva e David Luiz ou, como disse Antonio Prata, pelo exoesqueleto do delírio nacional, com hino, apelos midiáticos e patriotadas publicitárias.

De fato, é como se, desde o rasurado pontapé inicial do projeto de Miguel Nicolelis, o sintoma estivesse, literal ou metaforicamente, nalguma deficiência da coluna vertebral. Por violenta e fatídica ironia, Neymar veio a sofrer uma fratura na vértebra, e o valoroso zagueiro capitão, por uma tolice de grandes consequências, foi suspenso com um segundo cartão amarelo. O voluntarismo turrão de Scolari quis ver nesse segundo fato uma injustiça

geral a ver os fatos. Mas a seleção brasileira entrava contra a Alemanha sem a sua dupla de zaga, tendo David Luiz que se deslocar da posição habitual para compatibilizar-se com a presença de Dante, e sem o seu único atacante efetivo, representante da graça e do corpo espiritual do futebol brasileiro.

Não quero reduzir a catástrofe que se seguiu a esses aspectos técnicos. Mas eles não deixam de ser fundantes (e afundantes). Como pôde a seleção brasileira pentacampeã do mundo derreter-se de repente, diante do primeiro adversário realmente forte, sem esquecermos que desprovida de suas peças fundamentais? Catástrofe é o nome que podemos dar às proporções inusitadas desse acidente, mas também à espécie de precipitação estrutural que fez com que a falha no miolo da zaga, evidenciada no primeiro gol, desvelando surdamente que o time agora estava nu, sem meio-campo, sem ataque e com a defesa baleada, se transmitisse rapidamente do plano tático ao técnico e daí ao psicológico, engolfando tudo. O tenso equilíbrio desses jogos é cruel e matador, o time da Alemanha tinha recursos de sobra para deitar e rolar sobre os vacilos em cascata do Brasil, que tinha motivos de sobra para perder, além disso, para os seus próprios fantasmas.

O nome secreto do principal fantasma é D. Sebastião. Desculpem o salto mortal súbito, mas é o mínimo que pede o acontecimento. Como é sabido, o jovem rei português desapareceu no deserto africano em luta com os mouros, na Batalha de Alcácer Quibir, em 1578. Alimentados e realimentados por um messianismo de raiz, que os via desde sempre como predestinados, os portugueses passaram a acreditar na volta redentora de D. Sebastião, ao longo dos séculos. Consta, no entanto, que na própria batalha fatídica a que se arremeteu, o rei foi tomado de uma estranha abulia que parecia impedi-lo de lutar. O sebastianismo é a crença na vinda daquele que se foi, o Esperado. De tanto ser o Esperado que nunca deixaria

de ser, no passado e no futuro, D. Sebastião implodiu psiquicamente durante a batalha.

O futebol brasileiro já conheceu no mínimo três batalhas de Alcácer Quibir: a final da Copa de 1950, a final da Copa de 1998 e a semifinal da Copa de 2014. Mais do que um acidente ou uma coincidência, três casos já configuram uma estrutura. Primeiro, porque se espera que o Brasil encarne o futebol e que o futebol encarne o Brasil, como prometeu a Copa de 1938. Em 1950, tudo está pronto para a chegada do Esperado, mas o Esperado não vem, em vez dele vem o Outro, o adversário, excessiva e inesperadamente real. Como Brasil não é para principiantes, no entanto, D. Sebastião faz sua aparição epifânica em 1958 e 1962, dá sua desaparecida clássica em 1966 e retorna triunfalmente em 1970.

Conquistadas cinco Copas, e sem entrar no caso de 1998, nem por isso a síndrome desaparece, muito ao contrário. Já foi dito, com razão, que Felipão foi chamado como uma espécie de D. Sebastião para converter magicamente o título de 2002 em Hexa. O espectro de D. Sebastião está presente toda vez que Galvão Bueno pronuncia a palavra Hexa, assim como quando o Hexa é transferido automaticamente para 2018 sem nenhuma parada do pensamento. Quando David Luiz chora a promessa frustrada de felicidade ao povo brasileiro, e quando Neymar sai misteriosamente ferido e ungido com a aura do Esperado.

O sebastianismo doentio é a crença na volta da entidade Futebol Brasileiro, como se este estivesse sempre pronto a encarnar. Time de futebol nenhum está sempre pronto, quanto mais diante das dramáticas mudanças ocorridas na última década, sem trabalho, análise e atualização. Polarizado pelo passado e por um futuro de miragem, o presente contém o buraco negro em que colapsa inconscientemente a seleção, quando fracassa o seu papel messiânico.

O placar de 7 x 1 acusa agora a falência dessa forma mental. É ela que sustenta o anacronismo das instituições esclerosadas, CBF, comissão técnica, oportunismos políticos de todos os lados, Rede Globo, euforia publicitária, mais aquela parte da torcida que só quer ser contemplada com o gozo. Tudo isso ainda é 1950, só que sem a mesma inocência trágica. As primeiras especulações sobre o novo técnico, fazendo girar o mesmo esquema, me dão náusea. Quem não entendeu o próprio fracasso não entende mais nada.